

PENTAGRAMA

Revista do Lectorium Rosicrucianum edição especial

Em Busca do Graal Sagrado



EM BUSCA DO
SANTO GRAAL

INÚMEROS SÃO OS QUE
PROCURAM O GRAAL
NO MUNDO

O GRAAL CÉLTICO E A
SAGA DE ARTUR

PRESENÇA DO GRAAL
EM CADA UM

PARSIFAL – O CAMINHO
DO PESQUISADOR

OS CÁTAROS NO
CAMINHO DO SANTO
GRAAL

ORIGEM E SIGNIFICADO
DAS LENDAS DO GRAAL

A VIAGEM DO ORIENTE
AO OCIDENTE

O LIVRO DOS REIS DA
PÉRSIA ANTIGA

KITESJ, SÍMBOLO DE UM
COSMO INVOLADO

PENTAGRAMA

Tema deste número:

Em busca do Santo Graal

Muitos grupos orientados espiritualmente utilizam, em seus emblemas, o símbolo do Graal. O Graal está na moda. Ele é cada vez mais conhecido e procurado, da mesma forma como na Idade Média. Suas lendas eram, então, a forma pela qual uma mensagem secular seria outra vez transmitida à humanidade.



ÍNDICE

- 02 EM BUSCA DO SANTO GRAAL
- 03 INÚMEROS SÃO OS QUE PROCURAM O GRAAL NO MUNDO
- 06 O GRAAL CÉLTICO E A SAGA DE ARTUR
- 11 PRESENÇA DO GRAAL EM CADA UM
- 12 PARSIFAL – O CAMINHO DO PESQUISADOR
- 18 OS CÁTAROS NO CAMINHO DO SANTO GRAAL
- 24 ORIGEM E SIGNIFICADO DAS LENDAS DO GRAAL
- 29 A VIAGEM DO ORIENTE AO OCIDENTE
- 32 O LIVRO DOS REIS DA PÉRSIA ANTIGA
- 39 KITESJ, SÍMBOLO DE UM COSMO INVOLADO

EDIÇÃO ESPECIAL

DIA PORTAS ABERTAS

CENTRO DE CONFERÊNCIAS
PEDRA ANGULAR, JARINU

24 DE OUTUBRO DE 2004

Em busca do Santo Graal

A busca do Graal é um tema sempre atual. É um símbolo universal da busca da verdade: a verdade eterna que se apresenta quando o ser humano alcança o limite de suas possibilidades. Foi assim na Idade Média, e continua assim ainda hoje. Mas nesse meio tempo, a humanidade – e cada indivíduo – evoluiu. Para o bem ou para o mal, para o alto, para uma elevação ao Espírito divino, ou para baixo, descendo sempre mais no abismo da matéria.

Cada época recebe novas possibilidades que lhe são específicas. Fronteiras claras devem encerrar o passado. E não teria nenhum sentido querer atravessar de novo essas fronteiras unicamente para procurar, no passado, elementos ainda hoje válidos. A verdade permanece sempre a mesma, embora, a cada segundo, ela se apresente de modo novo, diferente. E o ser humano é, sempre de novo, convidado a colaborar com esse processo de renovação, como participante consciente da Criação.

Assim também o Graal, em nossos dias, não é o mesmo Graal dos séculos passados. E futuramente ele também não será o mesmo que é agora. Mas sua essência não muda e somente ela pode auxiliar o pesquisador a dar mais um passo no seu caminho. Os contos do Graal são uns mais lindos que os outros, cativantes e simbolicamente puros. Mas nenhum pode fazer o pesquisador progredir se este não descobrir e não compreender interiormente sua mensagem para realizá-la em sua própria vida.

Por isso, este número sobre a busca do Santo Graal não é um relato histórico, mas, sim, o testemunho consciente e autêntico do caminho que deve, de fato, ser seguido para a conquista do Santo Graal, a taça que pode transmitir o Amor divino, transmutado em uma Força apropriada para indicar e iluminar o caminho de cada pesquisador.

Assim, aqueles que participaram da elaboração deste número não hauriram somente das riquezas do passado, mas voltaram-se principalmente para o futuro glorioso que se abre para a humanidade nos tempos presentes.

Esperamos que estes textos, trabalhados a partir das alocações pronunciadas por ocasião do simpósio sobre o Graal, acontecido em 24 de maio de 2001, no Centro de Conferências Christianopolis, em Birnbach, na Alemanha, permitam ao leitor aprofundar sua compreensão sobre o mistério do Graal.

A Redação

Inúmeros são os que procuram o Graal no mundo

As lendas bem conhecidas do Graal só dão uma pequena idéia da imensa influência da mensagem que transmitiam. Elas apresentavam um caminho espiritual que conservou toda a sua importância para o homem de hoje. A fonte dessa mensagem é a Gnosis, a verdade universal, percebida e transmitida sob a forma de uma vida concreta e regeneradora.

A busca do Graal não é, portanto, uma ficção, e muito menos o relato de acontecimentos sobre os quais podemos discutir científica ou filosoficamente. Trata-se de uma prática de vida adotada de forma direta e radical pelo pesquisador a caminho para a verdade vivente. Para conceber um pouco a grandiosidade desse impulso, ao mesmo tempo secular e tão atual, este caminho deve compreender a mensagem libertadora oculta em cada feito heróico dos cavaleiros do passado. Esses acontecimentos apresentam dois aspectos, duas dimensões: por um lado, um aspecto humano transmitido pelas aventuras pitorescas dos cavaleiros; por outro lado, a dimensão divina alcançada após a execução desses atos heróicos. O aspecto humano aparece diretamente na luta contra o orgulho, a tolice e o escândalo da ignorância com referência à vida superior. Estes são os inimigos característicos daqueles que partem em busca interior do Castelo do Graal.

Parsifal consegue vencer seus adversários com o auxílio da força interior que lhe é sempre concedida. Mas, apesar de sua coragem e de sua



genialidade, ele ainda não pode encontrar a Luz. Ele é levado pela inquietude e pela agitação provocadas por seu desejo do Graal. Mas sua vitória sobre o Cavaleiro Vermelho lhe dá o poder de penetrar no castelo do rei Artur. Podemos considerar o Cavaleiro Vermelho como a alma natural, intei-

O Graal, fonte de vida. O cervo simboliza a alma sedenta, os pavões, o homem dialético que a água Viva dessedenta. Baixo relevo de pedra, Itália, século IX ou X d.C. Staatmuseum, Berlim.

ramente devotada à vida terrestre. Para o pesquisador autêntico, ela é o primeiro obstáculo a ser superado se ele quer alcançar a vida superior da alma. Seu caráter e o meio no qual ele vive, portanto sua herança sanguínea, são igualmente obstáculos a serem vencidos, o que implica num processo de purificação da alma que se prepara para o encontro com o Espírito.

Herança coletiva da humanidade

Esse conflito interior acontece entre o consciente e o subconsciente. O subconsciente contém, em si, as forças que se desenvolveram quando o homem se separou da ordem divina original. Essas antigas e poderosas concentrações de força continuam a ser mantidas. Elas formam a herança coletiva da humanidade, toda a sua história. Ao mesmo tempo, elas formam a herança individual das vidas passadas de cada personalidade, assim como da estrutura da personalidade atual. Esses são os inimigos e os obstáculos que Parsifal deve vencer durante sua busca do Graal. Ele não se deixa deter por essas forças. Ele possui a força interior sob a forma de uma espada que se torna cada vez mais forte e cortante à medida que ele progride. Essa espada é uma arma espiritual, o auxílio indispensável para todos aqueles que querem acertar sua conta com os demônios do mundo subterrâneo do subconsciente.

O Castelo do Graal não é, pois, para o pesquisador, alguma fortaleza em

ruína nos Pireneus. Essas testemunhas do passado podem estimulá-lo fortemente, mas essa não é a finalidade de sua viagem. O Castelo do Graal edificado pelo homem atual é um campo energético regenerador, mantido por uma comunidade de almas que aspiram crescer e se elevar. Esse Santo Graal é constituído e sustentado por homens que vivem sobre a terra, que descobriram o Graal por meio de seu combate e purificação interiores. Esse Graal vivente contém a energia salvadora do Cristo Cósmico e se derrama sobre a humanidade. Quem entra em contato com essa força recebê-la-á com grande alegria e desejará dar testemunho dela. Mas é preciso também assimilá-la. Essa é a espada com a qual Parsifal combate, o gládio mencionado por Jesus quando disse em Mat.10:34: *Eu não vim trazer a paz, mas a espada.* Essa espada tem o poder, a força, de separar o puro do impuro.

O Parsifal moderno segue o caminho de sua libertação interior no seio de um grupo comparável à Távola Redonda da corte do rei Artur. Essa Távola Redonda, essa comunidade de pessoas com a mesma orientação, tem a tarefa de se preparar para formar uma taça, um Graal, um vaso, uma cratera, a fim de aí receber as forças divinas e de transmiti-las a todos os que o desejarem.

Purificação interior da alma

No mundo existem inumeráveis buscadores do Graal. Em todos os

domínios, todos os campos de pesquisa e em todos os níveis encontram-se pessoas com essa preocupação, consciente ou não. Enquanto esse processo se desenrola de forma inconsciente, eles contestam mutuamente suas descobertas e combatem em vão o Cavaleiro Vermelho. Mas assim que, como Parsifal, seu desejo interior os leva a se voltarem para seu próximo, eles tomam consciência de seu combate, o qual se transforma, então, numa purificação e numa preparação interior da alma. E por suas palavras, escritos e ações, eles testemunham do auxílio e da consolação que constantemente sentem enquanto mantêm o Graal em mira. É que o Graal, que é a sua finalidade, já os sustenta e os alimenta há muito tempo.

Enquanto a alma participa das dores e lutas terrestres, é impossível ao buscador distinguir o Graal como a única finalidade da vida: seu poder sensorial está danificado demais. Eis porque a antiga estrutura da alma deve ser transformada em uma nova, capaz de ser alimentada pela força regeneradora e, com isso, reagir de maneira correta. Se for este o caso, o que poderia ainda prejudicá-la? A morte? Ela venceu todos os aspectos da morte – a vida cotidiana inconsciente. Portanto, o Graal é o mistério da alma renovada a caminho para a eternidade.

Eis uma das razões pelas quais os processos do Graal foram descritos, no passado, em linguagem simbólica tão colorida. Aqueles que fizeram essa experiência o compreenderam. Para os outros, eram as maravilhosas histórias que alimentavam seu desejo de uma vida melhor, de uma vida superior.

Aqueles que buscam o Graal devem penetrar em seu foro interior. É lá que começa a viagem e em nenhum outro lugar. O ponto de partida é um grande desejo de penetrar o mistério da transformação da alma. Porque a consolação que emana do Graal dá ao peregrino a alegria de um saber autêntico, crescente, que é designado como Gnosis. Bem antes de poder ser um guardião do Graal, o buscador já está ligado a ele; ele experimenta e também sabe que sua busca seguirá um longo caminho, doloroso e, por momentos, precário.

O Graal, como mistério de iniciação, está agora tão vivo como na Idade Média, quando esse conhecimento, por volta do ano 1200, foi traduzido em narrativas pitorescas. Algumas delas são abordadas nesta Pentagrama. Na nossa época, esse mistério é explicado de forma diferente porque é pelo poder mental que a busca começa. Entretanto, o Graal só revela seus segredos àqueles que estão prontos, de todo o seu coração, a suportar as conseqüências de seu encontro com essa força regeneradora. Quem quer seguir o caminho sempre pode encontrar o Graal. Este projeta suas raízes fora do tempo e, com uma paciência infinita, chama todas as almas e as leva de volta à vida eterna.

O Graal céltico e a saga de Artur

Os celtas estão na origem das lendas do Graal na Europa. Eles não tinham uma verdadeira estrutura estatal, mas formavam uma sociedade dirigida pelos druidas, que transmitiam seu ensinamento ao povo sob a forma de contos ou de cantos.

A cidade de Carnutum (atualmente Chartres) é considerada como o mais importante local de reunião dos druidas. Na floresta circundante encontrava-se uma gruta onde eles guardavam a representação da *Virgo paritura*, a virgem parturiente. Lá eles aguardavam o nascimento daquele que «desceria no abismo para sair dele vencedor». A Bretanha, a Irlanda, o País de Gales e a Escócia conservam ainda numerosos traços dessa cultura religiosa.

A mitologia celta foi tema de um texto intitulado *Os Mabinogion*. Trata-se de uma espécie de Graal: um caldeirão que servia de instrumento ini-

ciático. Na realidade, havia dois caldeirões: o do renascimento e o do aperfeiçoamento. Dizia-se que o herói morto em combate retornava à vida imergindo no primeiro. O segundo estava cheio do alimento de que o herói renascido precisaria para progredir. Mas ele estava vazio para quem dele se aproximasse sem ter vivido de forma heróica.

O Caldeirão de Ceridwen

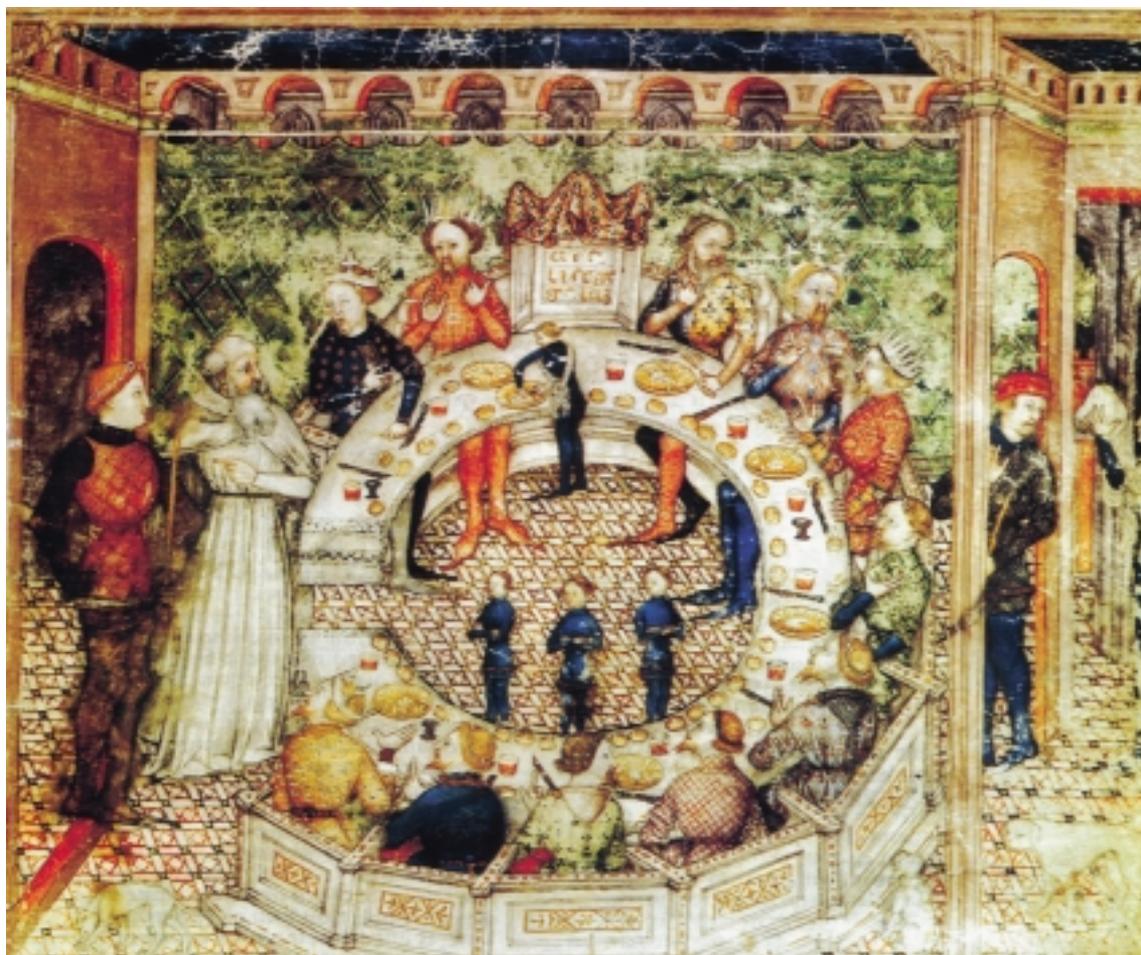
Ceridwen era a deusa-mãe celta. Ela possuía um caldeirão no qual preparava uma beberagem que poderia provocar renascimento ou metamorfose. Um jovem que bebesse uma gota desta beberagem conheceria todos os segredos e renasceria, após uma série de metamorfoses, sob a forma do Grande Druida e Bardo Taliesin – a princípio, na qualidade de aluno de Merlin; em seguida, ele mesmo seria chamado de Merlin. Taliesin significa fronte irradiante. O caldeirão e a taça são símbolos femininos e representam o princípio receptor; a lança e a espada são símbolos da força masculina.

As cruzes solares celtas

A cruz celta combina aspectos do cristianismo oriental e da sabedoria druídica ocidental. Não é somente um símbolo do corpo físico, mas também do encontro entre matéria e Espírito. Frequentemente, encontra-se, no meio dessa cruz, uma roda solar ou a repre-



Artur retira a espada da pedra. Victoria & Albert Museum, Londres.



sentação de um movimento rotativo simbolizado por três sinais semelhantes ligados uns aos outros por um centro comum. A cruz é também o símbolo do homem em pé, os braços estendidos e os pés firmes no chão. No cruzamento das duas hastes, o sol engloba a cabeça e o coração, imagem do homem regenerado pelo Espírito divino. A ligação da corrente oriental e da tradição druídica gerou o cristianismo celta e os contos da Távola Redonda do rei Artur.

Merlin era o grande iniciado nos Mistérios druídicos, e, assim sendo, possuía o dom de profecia. E, uma vez que, segundo a lenda, ele tinha acesso a todas as esferas de vida, criou condições para que Artur viesse ao mundo em Tintagel, um castelo que ficava na costa da Cornualha, no sudoeste da

Inglaterra. Merlin havia feito um acordo com o rei Uther Pendragon: levaria o jovem príncipe para educá-lo em lugar seguro. Quando Uther Pendragon morreu, houve uma controvérsia sobre sua descendência, pois ninguém sabia que ele tinha um filho. Na noite de Natal apareceu, na praça do mercado, uma pedra na qual estava cravada uma espada. Uma inscrição em letras de fogo indicava que aquele que pudesse retirar a espada da pedra tornaria-se o rei da Inglaterra. Muitos cavaleiros tentaram em vão, e, finalmente, foi o jovem Artur quem conseguiu retirar a espada, sem dificuldade. Dessa forma, ele provou sua linhagem e sua vocação.

Segundo a lenda, Merlin, que o havia assim entronizado, tornou-se seu conselheiro, e juntos estabeleceram

Galaad se junta à Távola Redonda e ocupa o lugar vazio. Itália, por volta de 1390.



paz e prosperidade no país. Então, o Graal foi introduzido na Inglaterra e o Rei pescador deu instruções a Merlin para que instituísse uma Távola Redonda. Uther Pendragon lhe pediu para transmitir essa herança ao seu filho Artur, que estaria apto a realizar essa tarefa. Ele criaria uma nova fraternidade na qual se reuniriam todos os que combatessem o mal com suas palavras e seus atos. Merlin deu a Artur a espada mágica Excalibur tendo em vista a boa causa. O portador dessa espada – oferecida pela Dama do Lago – era invencível.

Ao lado de um rei vencedor o povo desejava também uma rainha. Essa mulher, Guinevere, trouxe infelicidade para a fraternidade dos nobres cavaleiros, por causa dos problemas que surgiram devido a suas relações com Lancelot, o melhor amigo do rei. Artur não reagiu nem com ciúmes, nem com ódio ou cólera, mas sim com compreensão. Ele também teve dificuldades com seu filho adúltero chamado Mordred, que se tornou seu pior inimigo. Uma de suas meio-ir-

mãs, a fada Morgana, tentou aniquilar a Távola Redonda, mas esbarrou na elevada ética dos cavaleiros e, principalmente, com Galaad, que não se deixou influenciar.



O Caldeirão de Gundestrup, recoberto de prata. Dinamarca, século I ou II a.C. National Museum, Copenhague.



«É preciso que vás embora»

Quando Merlin levou Galaad à Távola Redonda, este tomou lugar, sem dificuldade, na décima terceira cadeira, a cadeira perigosa, e seu nome apareceu em letras luminosas sobre o espaldar. Era o cavaleiro que todos esperavam há muito tempo. No mesmo instante, alguns anjos trouxeram o Graal, que ofereceu deliciosos manjares a cada um deles. Os cavaleiros ficaram tão tocados que decidiram partir em busca do Graal, que desapareceu de suas vistas. Somente o rei Artur permaneceu em Camelot. Como adeus, o cavaleiro Gawain disse a Galaad: *É preciso que vás embora, pois não és dos nossos*. Merlin também não os acompanhou, pois ele havia terminado sua tarefa e retirou-se da Távola Redonda.

Em seguida, o rei Artur teve de lutar contra seu próprio filho. Na véspera do combate, seus conselheiros, que haviam consultado os astros, disseram-lhe que não saísse de sua tenda no

dia seguinte. À noite, o rei sonhou que estava acorrentado à roda do destino, que a deusa da Fortuna girava. Na primeira volta da roda, ele encontrou-se no alto, como rei; na volta seguinte, na parte de baixo da roda, ele tinha se tornado um mendigo. Então, compreendeu a lei inflexível da reencarnação. Ele percorreu sua vida num relance e descobriu a relatividade dos desejos de bondade e de perfeição terrestres.

No dia seguinte, depois de ter adquirido esta compreensão, ele foi lutar contra seu filho. Os dois infligiram ferimentos mortais um ao outro. Mordred morreu e Artur pediu a seu amigo que o levasse até um lago vizinho. Lá ele devolveu Excalibur à Dama do Lago. Depois, uma nave com nove mulheres levou o rei à ilha de cristal, Avalon, para cuidar dele e prepará-lo para seu retorno, quando fosse a hora. *Artur é o rei! Agora e para sempre!*

A busca do Graal continuou, embora numerosos cavaleiros tenham perdido a vida ou se perdido. No entanto, três cavaleiros encontraram o

Galaad encontra o Graal. Tapeçaria de Burne-Jones, executada por William Morris, Birmingham City Museum & Art Gallery.



Cálice Sagrado: Bohor, Parsifal e Galaad. Mas apenas um pôde aproximar-se dele. E a lenda relata: *Depois disso, o Graal desapareceu do mundo.*

A Távola Redonda continua atual

Quem não se senteria tocado pela nobreza, valentia e tragédia dessa maravilhosa história? «Eram heróis, Artur, Lancelot, Parsifal e Galaad. E estão vivos ainda hoje!» Há séculos o homem é criado com a idéia de que o verdadeiro herói é um personagem exterior a ele mesmo, de modo que, depois de uma história tão bonita, ele retorna tranqüilamente à mediocridade de sua vida cotidiana: comer, beber, dormir, e talvez, durante as férias, visitar Tintagel, para ver se ainda existe alguma coisa por lá...

E a mensagem do Graal em tudo isso? Apesar de tudo, ela ressoa em ca-

da passagem da nobre lenda. É a própria história da vida. Todos os acontecimentos dessa lenda representam a busca dos ideais, assim como os esforços, os desalentos, as descobertas e as decepções da vida. O que buscamos em nossos dias com nossas máquinas ultra-rápidas, nossos aparelhos sofisticados e os produtos sintéticos? São empreitadas muito parecidas com as dos cavaleiros que estavam em busca do Graal. Alguns querem alcançar um ideal elevado e ajudar o próximo; outros querem conseguir um domínio absoluto sobre a natureza ou sobre os povos. Assim, cada um traz, em si mesmo, os diferentes aspectos da busca: em cada um se esconde o rei Artur.

Um bom rei não é um tirano, porém assume conscientemente a responsabilidade de todas as vidas confiadas à sua direção. Portanto, ele não se aproveita de seus súditos para alcançar seus próprios objetivos; ele não os explora. Na qualidade de verdadeiro cavaleiro, ele não luta em interesse próprio. Mas será que ainda existem cavaleiros como esses?

Quem ainda pode ouvir a voz interior, sua consciência, por ela será inspirado a seguir o caminho correto. No entanto, para ouvi-la, é preciso calma e silêncio interiores. Ora, é escutando essa voz que o cavaleiro andante pode descobrir e ver claramente qual é a verdadeira finalidade de sua vida e, por fim, alcançá-la.

Presença do Graal em cada um*

Certamente conheceis a lenda do Santo Graal. Esta antiga lenda conta que o Graal é a taça utilizada por Jesus, o Senhor, por ocasião da Santa Ceia. Diz a lenda que nela José de Arimatéia recolheu o sangue do crucificado e, em seguida, tomou o Graal sob sua proteção. Mais tarde, seus sucessores transportaram o Graal para o Ocidente, onde se encontra, até o presente momento, guardado em local oculto.

Esta lenda, que é profanada de todas as maneiras possíveis pelos místicos para especulações emocionais, e que serviu de tema, na Idade Média, para diversas obras poéticas por parte dos imitadores místicos, em sua simplicidade nos dá plenamente os valores gnósticos de que necessitamos para compreender o que é o Graal, como deverá ser edificado ou onde poderemos encontrá-lo.

Para penetrar neste mistério, chamamos primeiramente vossa atenção para tudo o que já foi considerado na narrativa do Evangelho sobre o envio de Pedro e João para a preparação da Santa Ceia. É o próprio aluno quem terá de preparar o Graal para que ele possa, em seguida, ser utilizado por Jesus, o Senhor.

Anatomicamente, a taça do Graal é indicada pelos três círculos plexiais já mencionados: o da laringe, o dos pulmões e o do coração. A parte superior da taça sagrada corresponde ao sistema da laringe; a haste da taça de cristal está erigida nos pulmões e a base fica na cavidade cardíaca. A possibilidade para a confecção dessa taça nupcial encontra-se, portanto, presente em todos os seres humanos.

* *A Gnosis Universal*, Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1985.

Armado com o escudo da Fé e acompanhado pelas pombas do Espírito Santo, um cavaleiro parte para lutar contra o mal. *Summa de vitiiis*, Peraldus, 1240, British Library, Londres.



Parsifal – o caminho do pesquisador

A Idade Média foi uma época em que houve grande angústia na Europa. A Igreja procurava assegurar suas posições na sociedade. A liberdade de expressão desapareceu, a vida espiritual enfraqueceu e depois se extinguiu. O Ocidente pôs-se em marcha contra o Islã. Mas a civilização do Oriente Médio conheceu um desenvolvimento muito maior do que o Ocidente, e os cruzados levaram um novo impulso cultural para casa.

A Inquisição empreendeu a erradicação de toda renovação de vida espiritual no seio dos dogmas já estabelecidos. Um renascimento espiritual buscou, pois, seus próprios caminhos para expressar-se e comunicar-se. A história de Parsifal e de sua busca do Graal, tal como relatada, por exemplo, por Chrétien de Troyes e Wolfram von Eschenbach, é uma ilustração disso. São, à primeira vista, romances de aventuras que evocam o heroísmo, a fé, a coragem e os amores dos cavaleiros. Eles descrevem a beleza e a virtude das damas amadas e as provas que os cavaleiros devem suportar por elas.

Podemos também encontrar neles um caminho de iniciação, velado, naturalmente, mas perfeitamente decifrável com o auxílio de certas chaves. Foi assim que, sob imagens ricas e fabulosas, os bogomilos, os templários e os cátaros ocultaram sua vivente sabedoria antiga e conseguiram legá-la à posteridade.

Embora Wolfram von Eschenbach, reconheça ter-se servido do romance

inacabado de Chrétien de Troyes, afirma tê-lo haurido de uma outra fonte. Ele dá como referência o mago Kyot, um iniciado que havia descoberto a lenda do Graal num velho manuscrito, em Toledo. Esse manuscrito era obra do filósofo oriental Flegetanis que havia lido nos astros alguns dados relativos ao Graal. «Uma multidão de anjos o trouxe para a terra, depois voou para as estrelas...» Kyot procurou saber onde se encontrava essa preciosa dádiva do céu e isso o levou à linhagem dos Anschauwe (visionários). Não se tratava de uma dinastia existente, mas de uma raça de seres enobrecidos pela contemplação espiritual.

Wolfram von Eschenbach deu outra razão de não ter sido ele a origem da lenda do Graal. Ele afirmava não ser um erudito, mas um cavaleiro que não sabia ler nem escrever. Certamente não devemos considerar tal declaração literalmente; mas isso mostra bem que se tratava de um homem modesto, que pensava que sua imaginação, embora grande, era insuficiente para descrever o bem supremo. Com efeito, ele descreveu, usando um ambiente da época, como a alma que aspira a Deus acaba fundindo-se com as forças espirituais do Graal, após submeter-se a muitas provas e purificações. No presente, esse caminho é tão significativo como o foi outrora; entretanto, ele se adapta às possibilidades e às limitações da humanidade atual. Interpretado de forma adequada e positiva, esse caminho simbólico é capaz de esclarecer os desenvolvimentos e processos da própria vida do leitor.



O tolo ingênuo iluminado pela
compaixão

Wolfram von Eschenbach descreve o caminho seguido por um homem que, partindo de sua condição terrena, retorna para sua origem divina. Adão, em sua presunção, deixou de obedecer a Deus. Desde então, a obediência é a única exigência que Deus impôs ao ser humano para que ele possa ter acesso à imortalidade. Assim, desde a geração de Adão, nós só conhecemos aflição ou alegria, é dessa maneira que o asceta Trevrizent descreveu a existência humana. A alegria, porque Deus jamais abandona suas criaturas; a aflição, porque nós carregamos o fardo do pecado de Adão. Amfortas, o homem divino original, jaz mortalmente

doente, na cidadela do Graal, onde aguarda sua libertação. Cada filho do homem esconde em si um Amfortas, e a cidadela do Graal, que o envolve, é o símbolo do microcosmo. Ora, se o pesquisador tem em si alguma reminiscência – isto é, a lembrança da condição do homem antes de sua sujeição à vida e à morte – essa lembrança o interpela; ele pode, então, tornar-se consciente do caminho a percorrer para encontrar o estado original e seu verdadeiro lugar na Criação.

Segundo uma certa profecia, somente um tolo ingênuo, iluminado pela compaixão, libertará o doente incurável. Sua herança interior coloca Parsifal no caminho. Seu pai, um valente cavaleiro, acumulou todas as experiências da vida terrena e sua mãe personifica os sofrimentos da alma.

Artur e os
cavaleiros partem
em busca do Graal.
Manuscrito francês,
século XIII.

Como missão, ela tem de dar a uma criança a oportunidade de reencontrar o caminho do Graal, para que assim seja revelado o caminho da libertação a todos os seres humanos. Em Parsifal trabalham, portanto, a herança coletiva das experiências da humanidade (o pai), e o pressentimento de sua vocação divina (a mãe). Sua aparência de tolo representa a percepção pura e ingênua da alma: a educação de sua mãe só se dirigia à sua alma. Mas esse traço particular, no sentido exclusivamente literal, o faz cometer erros, além de provocar sofrimentos. Parsifal deve, portanto, aprender a distinguir entre comportamento terreno e aspiração espiritual. Uma bela e encantadora mulher pode ser considerada como a encarnação de uma alma pura, mas também como um ser humano.

O caminho do meio

A caminho, Parsifal cruza várias vezes com Sigune, que personifica a voz da reminiscência. Ela o chama por seu nome e lhe revela sua origem: *Parsifal, esse é o teu nome. Ele significa: passar pelo centro.* Seu caminho para o conhecimento da verdade passa também pelas profundezas da natureza terrena. Mas ele ainda não encontra sua missão interior e aspira sempre à cavalaria exterior, simbolizada, em sua forma mais nobre, pela Távola Redonda do rei Artur. Esse grupo de cavaleiros alcançou tudo o que é possível na natureza terrena.

Os cavaleiros, os reis, as damas e outros personagens que Parsifal encontra em sua busca podem ser vistos como representações de seus sentimentos, idéias e desejos. Ele sempre se vê face a face com obstáculos que deve enfrentar e resolver em si mesmo. Assim, ele liberta Kondwiramur das mãos de seus inimigos e a desposa. Trata-se da união duradoura com

aquela que o «conduz ao amor», a nova alma! Impulsionado pelo desejo original (que Eschenbach representa pelo amor de sua mãe) e guiado interiormente por Kondwiramur, Parsifal põe-se a caminho para a cidadela do Graal. Ainda muito influenciado pelas lições de Gurnemanz, ele não compreende o que se espera dele no Castelo do Graal. Ele não sabe fazer ao rei a pergunta salvadora.

Suas vitórias não o aproximam do Graal

A espada de Amfortas lhe será mais tarde de grande auxílio para separar o que é terreno do que é divino. Ele aprende a reconhecer suas faltas e a repará-las. A maldição de Kundry o faz tomar consciência de sua negligência em relação à sua elevada missão e ele já não deseja mais nada a não ser encontrar o Graal e unir-se a Kondwiramur, a nova alma.

Na qualidade de cavaleiro em busca do Graal, Parsifal envolve-se em incontáveis combates. Van Eschenbach utiliza o personagem do cavaleiro Gawain para representar suas numerosas aventuras. A princípio, ele combate as alucinações do espírito humano. Porém, embora ele registre numerosos sucessos, essas vitórias não o aproximam da meta porque ainda são, em sua maioria, expressão de sua vontade terrena. Elas são, no entanto, o ponto de partida necessário para poder encontrar a Santa Cidadela.

Desencorajado, desesperado, com o coração cheio de rancor por Deus, ele vagueia pelos caminhos. Sofre por não poder encontrar a taça maravilhosa. Mas, em sua extrema solidão e impotência, o auxílio de Deus chega novamente até ele. Um cavaleiro cinzento vem ao seu encontro, caminhando descalço na neve, com sua mulher e seus filhos. Esse cavaleiro lhe diz que

num dia como aquele, Sexta-feira Santa, é permitido esperar a graça de Deus. Refletindo sobre essas palavras, Parsifal afrouxa as rédeas de seu cavalo e este o leva até o eremita Trevrizent que lhe dá um novo significado da Sexta-feira Santa: é o dia no qual se tem o poder de amar a Divindade! Então, Parsifal percebe que, para compreender o sacrifício da Sexta-feira Santa, deve entregar a Deus sua vontade pessoal: *Senhor, que Tua vontade seja feita!* Esta é a expressão do verdadeiro amor. No mesmo instante, as forças divinas vêm tocá-lo para sua consolação e libertação. A partir desse momento, ele trava vitoriosamente seus últimos combates. Com a espada do Cavaleiro Vermelho ele põe em ordem seus conflitos exteriores. Com a espada de Amfortas ele vence seu adversário interior, Gramoflanz, que simboliza a luta pelo poder terreno; Gawain, a luta pela santidade terrena; e Feirefis, a luta pelo conhecimento e sabedoria terrenos. A pele de Feirefis é manchada de branco e preto porque ele acumulou todas as riquezas e conhecimentos deste mundo: tanto os bons quanto os maus.



«Ninguém pode ir à procura do Graal se não for conhecido no céu»

Os três conflitos da fase final apresentam uma certa semelhança com as três tentações de Jesus no deserto. No entanto, as forças enganadoras deste mundo não podem ser eliminadas: é preciso vencê-las para que possa haver uma reconciliação. Vitorioso por três vezes, Parsifal é purificado, isto é, ele

já não combate com o seu eu nem procura libertar-se dele. Ele compreendeu o quanto os homens se encontram afastados de Deus, de quem ele mesmo havia se apartado. Isso despertou o anseio por encontrá-Lo. Seu desejo de salvação e de regeneração o faz entregar-se à vontade divina. Por isso Trevrizent disse: *Ninguém pode ir à procura do Graal se não for conhecido no céu e chamado por seu nome.*

Só então conflitos interiores são ultrapassados e o mensageiro dos deuses indica o caminho do Castelo do Graal. É lá, no microcosmo, que se dá o encontro consciente com Amfortas. Somente então Parsifal, com um verdadeiro amor e uma profunda compaixão, faz a pergunta libertadora: *Meu tio, qual é o vosso tormento?* É a pergunta que cada um deve se fazer algum dia. E a resposta – a cura do microcosmo sofrido – se realizará em si e nos outros. Uma parte da missão de Parsifal era conduzir um irmão ao Castelo do Graal. Ele escolheu Feirefis que, após seu batismo, é encarregado de levar o Graal à humanidade para libertá-la do sofrimento.

Parsifal torna-se o rei do Graal, com Kondwiramur ao seu lado: a união do coração purificado com a nova compreensão. Lohengrin será seu filho, o Novo Homem que aparece para salvar o mundo.

O templo do Graal no centro do zodíaco. Lars Ivar Ringbom, Estocolmo, 1951.



ara alguns, o misterioso Graal era uma pedra celeste que só irradiava sua força vital se alguém dela se aproximasse. Estava sob a guarda e proteção do rei Amfortas, ancião doente que vivia numa cidadela de difícil acesso. Sua cura dependia unicamente de um cavaleiro capaz de dar testemunho de uma vida pura e nobre e encontrar o Castelo.

Este deveria então fazer ao rei uma pergunta precisa para resolver o enigma de seu mal.

Parsifal aspirava a essa cavalaria e a conseguiu. Seus pais eram de sangue real. Seu pai, Gamuret van Anschauwe, tinha sido um cavaleiro combativo e sua mãe, Herzeloide, uma rainha da linhagem do Graal. Gamuret morreu por ocasião de uma campanha, antes do nascimento de Parsifal. Herzeloide retirou-se com seu filho para uma floresta a fim de preservá-lo de um encontro com cavaleiros errantes, e evitar-lhe, assim, aflições, doença e morte. Mas Parsifal percebeu, um dia, um grupo de cavaleiros e, muito impressionado, fez voto de tornar-se um cavaleiro também. Ele quis dirigir-se ao castelo do rei Artur onde, como lhe contaram os cavaleiros, ele receberia a armadura de cavaleiro.

Herzeloide não o deixou partir de boa vontade. Ela lhe confeccionou um traje ridículo com a esperança de que zombariam dele e que, desencorajado, ele voltaria. Ela também lhe deu alguns conselhos e, após despedir-se de seu filho, sentiu o coração despedaçado. Entretanto, Parsifal partiu feliz e não tardou a alcançar o castelo do cavaleiro Gurnemanz. Este lhe ensinou a manejar a espada e a lança, e, principalmente, as regras a serem observadas para tornar-se um autêntico cavaleiro. Liasse, a filha de Gurnemanz, contou-lhe que sua prima, a rainha Kondwiramur, estava sendo assediada por um rei que desejava esposá-la a força. Parsifal partiu imediatamente à procura desse agressor. Encontrou-o, derrotou-o e tomou Kondwiramur por esposa.

Mas, logo ele a deixou para visitar sua mãe. Percorrendo o caminho, ele chegou à beira de um lago, que ficava numa região deserta. Um pescador ricamente vestido indicou-lhe a direção de um castelo onde ele foi recebido muito cortesmente. Durante o excelente jantar, ele sentou-se ao lado de um pescador, dono do lugar, que parecia sofrer de um mal sério. Uma lança e uma taça, com espantoso poder de ação, tinham-lhe feito um ferimento sangrento. Ele ofereceu a Parsifal uma espada preciosa com um rubi incrustado no punho. Parsifal, atônito, nada perguntou. Na manhã seguinte, ele encontrou o castelo deserto e, despeitado, pôs-se a caminho.

No caminho, encontrou sua prima Sigune que lhe fez saber que ele vinha do Castelo do Graal. Surpreso, ele compreendeu que deveria ter feito a pergunta ao rei sofredor para livrá-lo de seu mal. Decidiu, então, remediar essa falta e, após uma viagem movimentada, encontrou-se no campo do rei Arthur. Ele foi aco-

lhido na Távola Redonda dos cavaleiros e Kundry, a mensageira do Graal, apareceu. Ela o censurou pela sua atitude no Castelo do Graal. O jovem cavaleiro, sentindo-se desonrado, retirou-se do mundo para procurar a Cidadela Santa e reparar seu erro. Mas seus esforços foram em vão e sua viagem durou longos anos. Embora sáísse sempre vencedor dos torneios, ele estava continuamente revoltado, oprimido por Deus e pelo seu destino.

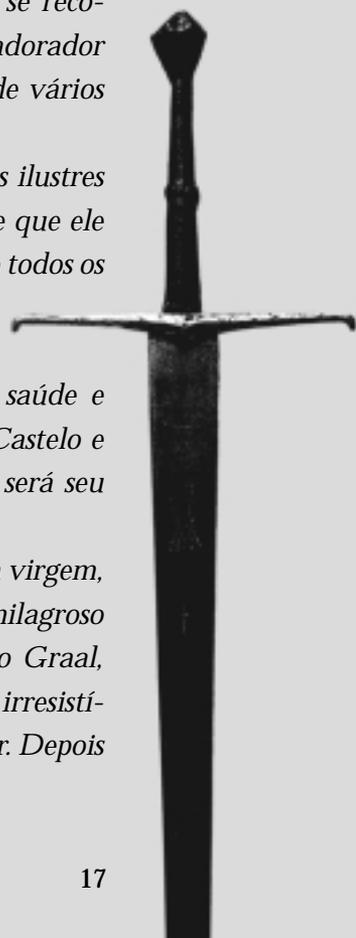
No mais profundo de seu desespero, Parsifal, em sua armadura, mantinha-se sobre um magnífico cavalo que havia tomado de um cavaleiro do Graal, que tinha sido vencido. Ele deixou o animal seguir seu próprio caminho e chegou à cabana do eremita Trevrizent, irmão de sua mãe e do velho rei Amfortas. Trevrizent havia sido um cavaleiro coberto de glória, mas quando Amfortas recebeu seu ferimento incurável, ele abandonou a antiga cavalaria. Se o rei do Graal ainda estava vivo, era pela graça do Graal, que lhe transmitia sem cessar uma nova força vital.

Parsifal permaneceu quatorze dias na sóbria morada do eremita, onde recebeu esclarecimentos a respeito da maravilhosa taça e de tudo que acontecia ao redor dela. Ele encontrou a fé em Deus e esforçou-se para amenizar as dores que havia causado por ignorância. Wolfram von Eschenbach escreveu:

«Nesses lugares, seu hospedeiro o libertou de seus pecados e o aconselhou a voltar para a cavalaria.» Então, ele trava seus três combates mais difíceis. No último, a luta foi tão dura que ele quebrou sua espada contra o elmo de seu adversário, um cavaleiro tão invencível quanto ele. Face a face, eles se reconheceram: ambos são filhos de Gamuret! O filho mais velho, Feirefis, adorador de Júpiter e de Juno, um dos homens mais ricos da terra e possuidor de vários reinos, tem a pele manchada de preto e branco.

Os irmãos são recebidos na Távola Redonda de Artur como os mais ilustres cavaleiros. Depois Kundry anuncia que Parsifal é eleito rei do Graal, e que ele pode escolher um companheiro para auxiliá-lo. Parsifal escolhe Feirefis e todos os três se dirigem ao Castelo do Graal. Lá, inteiramente concentrado no Graal, Parsifal faz a pergunta: «Meu tio, qual é o vosso tormento? O que vos faz enfraquecer?» Então, Amfortas recobra rapidamente a saúde e Parsifal torna-se o novo rei. A rainha Kondwiramur é convidada ao Castelo e Parsifal vê seus dois filhos gêmeos Kardeiss e Lohengrin. Este último será seu sucessor.

Uma grande festa é ofertada e o Graal é introduzido por uma rainha virgem, Repanse de Joye, irmã de Amfortas. Pratos e taças são preenchidos pelo milagroso cálice e distribuídos em círculo. Feirefis enamora-se pela portadora do Graal, embora não pudesse ainda perceber o cálice. Um amor desconhecido e irresistível o força a separar-se de seus deuses e de sua mulher e a fazer-se batizar. Depois disso, ele também pode ver o Graal e desposa Repanse de Joye.



Os cátaros no caminho do Santo Graal

O aparecimento dos cátaros nas regiões mediterrâneas coincide com o apogeu das lendas do Graal na Europa. Na corte dos nobres, os trovadores contavam a epopéia do Graal e interpretavam cantos místicos que falavam do Amor divino. Os cátaros não se contentaram em permanecer como espectadores desse fenômeno. Eles buscaram o Graal dedicando-se, diariamente, à pureza e à coragem.

Em 950 d.C., os bogomilos vindos da Bulgária trouxeram ao Ocidente o autêntico ensinamento gnóstico e cristão de Mani. Após o ano 1000, os cátaros retomaram a chama do ensinamento cristão da libertação e, num curto espaço de tempo, desenvolveu-se um grande movimento que influenciou todo o Ocidente. No fim do século XII, quase toda a Europa conhecia a mensagem do Graal. Mas foi somente no final do século XIII que as mudanças se manifestaram. E a *cratera preenchida pelas forças do Espírito* – segundo a expressão de Hermes Trismegisto – surgiu na Europa para prodigalizar às almas amadurecidas o Amor divino libertador.

O centro do movimento cátaro encontrava-se na Occitânia, no sul da França. Lá floresceu uma cultura excepcionalmente rica. Foi principalmente no Languedoc que se cantou o amor cortês e se propagou a pura mensagem cristã dos cátaros. Atualmente o caminho do Santo Graal conduz igualmente o pesquisador para o Sabartez e, mais especialmente, para o vale do Ariège. Nos brasões do Sabar-

tez estão inscritas as palavras: *Sabartez, custos summorum*, Sabartez, guardião do altíssimo, sendo que o altíssimo é simbolizado por um Santo Graal alado, que se situa no centro de um sol radiante.

O Sabartez, que tem Tarascon como cidade principal, encontra-se no encantador vale do Ariège e se estende até as terras mais elevadas do vale do rio Sem. Toda essa região formava o condado de Foix. Sobre um rochedo com altura de uma centena de metros, na própria cidade de Foix, encontra-se ainda o majestoso castelo dos condes de Foix, protetores dos cátaros. Na Idade Média, esse castelo era muito considerado por causa dos trovadores que costumavam ser para lá convidados, tais como Chrétien de Troyes, Bertrand de Born e Wolfram von Eschenbach.

Refúgio do amor espiritual

No vale do Ariège encontra-se também todo um sistema de grutas que se estende por quilômetros através da montanha. Era nessas grutas, às vezes pequenas, outras vezes com altas abóbadas, que os cátaros podiam abrigar-se. Mas, bem antes deles, outros haviam encontrado proteção e salvação nessas vastas grutas com suas nascentes quentes e atmosfera tão peculiar, verdadeiros refúgios para aqueles que desejavam praticar livremente sua religião. Graças aos desenhos encontrados nas paredes, sabemos que essa região foi habitada há 12.000 anos. As colinas e cavernas do Sabartez foram



utilizadas pelos celtas e pelos druidas como lugares de culto. Lá encontramos traços dos maniqueus, dos paulicianos e dos priscilianos, predecessores dos cátaros; aos poucos, formaram-se grupos que se diziam ligados à Gnosis e às suas correntes de sabedoria.

A palavra cátaro vem do grego *katharoi* que significa puro. Os cátaros diziam-se simplesmente cristãos e o povo os chamava de *bons omes e bonas femnas*. Mas, entre si, eles se nomeavam *amici Dei* ou *amicz de Dieu* ou ainda *crezens*. O termo cátaro foi utilizado pela primeira vez nos meados do século XII por um grupo de

heréticos de Colônia¹. Mais tarde, o termo foi empregado principalmente nos escritos oficiais. Foi a Igreja que os denominou de albigenses, dando esse nome a todos os grupos pretensamente hereges da Occitânia. Essa denominação nada tem a ver com a cidade de Albi, no sul da França. Ela foi utilizada pela Igreja e pelos franceses do norte para designar os hereges que não eram valdenses e que habitavam no sul da França. Na Inglaterra os heréticos também eram denominados de albigenses.

Tornar-se cátaro não era algo realizado de qualquer maneira, fazendo-se batizar, por exemplo, ou passando por

Um trovador do *Codex Manesse*.
Universidade de Heidelberg.



uma prova de admissão na comunidade religiosa. Uma das exigências era uma longa preparação na prática de vida cristã, a exemplo de Jesus. Os cátaros diziam que um serviço formal, com rituais falsificados e degradados, não é capaz de libertar a alma de sua prisão. Para que essa libertação aconteça, é preciso que o mistério de iniciação crística do Santo Graal seja revelado graças a um comportamento coerente e integralmente cristão.

O muro simbólico e a porta mística

Se observarmos um candidato que aspira por esse caminho, poderemos perceber com que seriedade e abnegação os cátaros se consagravam ao processo de transformação interior. O candidato que havia tomado sua decisão renunciava à vida social comum, ao casamento, aos bens terrenos e à ingestão de carne e de vinho. Ele se dedicava à *endura*, um processo voluntário de neutralização de tudo o que liga à vida terrestre, para permitir que a alma despertasse e crescesse. Esse tempo de preparação durava alguns anos e ocorria nas grutas de Ussat-Ornolac, no vale do Ariège. Algumas grutas tinham a função de templos, outras de habitações. A entrada dessas habitações era, às vezes, fechada por um muro e uma porta. Essas *spoulgas* (grutas) eram de difícil acesso.

Até o século XIII, essas grutas estavam situadas sobre as margens de um grande lago que se estendia até Tarascon. O candidato que se decidisse a seguir o caminho do Santo Graal devia, primeiramente, atravessar um mu-

ro simbólico. Assim ele se despedia do mundo terrestre e obtinha acesso ao mundo dos que buscam o Espírito de Deus. Com o auxílio de outros irmãos, ele percorria esse caminho passo a passo. Os diferentes estágios eram percorridos graças a um programa diário de jejum, de trabalho e de aprendizagem, em absoluto silêncio. Dessa forma eram-lhe ensinadas a sabedoria dos astros (astrosofia), a medicina e, principalmente, os mistérios que acompanhavam as diferentes etapas de seu desenvolvimento interior.

Para os cátaros, o caminho do Santo Graal implicava em conhecimentos libertadores e serviços aos outros. Pouco antes de o candidato ser iniciado em sua missão, ele deveria sofrer uma morte mística simbólica, após um período de quarenta dias de jejum. Ele precisava passar três dias deitado numa sepultura, na gruta denominada Kepler, para morrer para a natureza terrestre. Desse modo, sua alma podia alcançar a libertação e, pela imitação de Jesus, pronunciar o *consummatum est*: tudo está consumado.

O mistério do Graal está estreitamente ligado à morte da natureza terrestre. Naturalmente, poderíamos tomar como epitáfio a inscrição gravada na taça do Graal que chama o candidato a unir-se à Fraternidade. Mas a *endura* não tem, efetivamente, nada a ver com a morte do corpo físico ou com qualquer espécie de tortura ou suplício. Na realidade, a *endura* era – e continua sendo – um processo que rompe todos os laços que mantêm a consciência presa ao passado. Nesse processo, o velho eu entrega-se às forças crísticas renovadoras para que a alma possa renascer.

Após ter passado três dias na gruta



de Kepler, o candidato era despertado pelo irmão que o acompanhava, e saía da tumba. Ele agora podia receber o *consolamentum*, o sacramento da consolação. Sua alma purificada estava ligada ao Espírito de Deus. Esse grande acontecimento passava-se na gruta de *Bethléem* (Belém). O candidato entrava nessa gruta, que era considerada um templo, pela *porta mística*. Lá, encontrava-se um altar, uma pedra de granito coberta por uma toalha de linho branco, sobre a qual havia uma Bíblia aberta na página do Evangelho de João. Num nicho da parede estava colocada a taça do Graal, encoberta por uma cortina. O símbolo do pentagrama, gravado na rocha, era, assim como o altar, de origem druídica. Para receber o *consolamentum*, o candidato devia colocar-se no pentagrama. Com a cabeça erguida e com os braços e pernas afastados, ele formava, assim, uma estrela de cinco pontas.

No momento dessa iniciação, o nascimento do Cristo tornava-se uma experiência física. Antonin Gadal, Patriarca dos cátaros e guardião de seu tesouro, escreveu: *Nada poderia fazer estremecer ou desviar do bom caminho o homem que renascia em Bethléem. Ninguém no mundo poderia vencer a Força misteriosa que ele representava!*

Quando o candidato havia cumprido o caminho iniciático e se tornado perfeito, ele saía do santuário pela *porta mística*, celebrava um ritual e dava a sua bênção aos companheiros. Depois disso, ele percorria o célebre caminho dos cátaros, que existe ainda em nossos dias: da Montanha Sagrada ele se dirigia a Montségur, onde os perfeitos se reuniam antes de caminhar pelo mundo para levar a Luz aos seus semelhantes.

a herança dos cátaros
continua atual

Montségur tem a forma de um navio e está situado no cume de um rochedo. Esse castelo foi construído num lugar onde se elevava, há muito tempo, um templo dedicado ao sol, e no qual as pessoas da época se ligavam aos mistérios de Zoroastro. Na capela há uma abertura pela qual, no dia de São João, 24 de junho, às onze horas, um raio de sol penetra e ilumina o símbolo do Logos solar na parede oposta (Essa data corresponde ao solstício do verão no hemisfério norte).

Quando, em 1244, o exército da Inquisição forçou os que estavam refugiados no castelo a capitularem, os cátaros tiveram ainda um prazo para terminar sua tarefa espiritual. Na véspera de subir para a fogueira, todos os que queriam defender sua fé receberam, das mãos do grão-mestre Bertrand Marti, o *consolamentum*, para que suas almas se unissem ao Espírito de Deus. O misterioso tesouro dos cátaros foi ocultado nas grutas do vale do Ariège. No dia 16 de maio desse ano, duzentos e cinco homens e mulheres lançaram-se voluntariamente nas chamas da fogueira. Conta a lenda que, enquanto caminhavam em direção à fogueira, de mãos dadas e cantando, um trovador que se encontrava entre a multidão disse: *Após 700 anos o loureiro reflorirá sobre as cinzas dos mártires.*

Em 1944 o patriarca da Fraternidade dos cátaros, Antonin Gadal, subiu com sete testemunhas até a montanha de Montségur e cumpriu a profecia do trovador. Assim, verifica-se mais uma



vez, que os buscadores da Luz sagrada que representa o Santo Graal podem ser perseguidos, martirizados e mortos, mas que a própria Luz jamais pode ser destruída e retorna sempre ao lugar de onde ela já surgiu.

Em Albi, os perseguidores dos cátaros construíram uma catedral fortificada para mostrar que eles eram os vencedores. A catedral ainda existe e domina a cidade. Assim, fecha-se uma das mais negras páginas da história da Igreja Católica dita «cristã». O amor do Graal, que tudo perdoa, e a não-combatividade absoluta dos cátaros, que dele decorre, colocaram um fim a esses acontecimentos. Desde então, um acontecimento tão maravilhoso quanto inesperado aconteceu em Albi, provocando um retorno espiritual que deu um novo impulso à libertação espiritual da humanidade.

Supressão do personagem histórico de Cristo

Não longe de Albi, em 1167, Nicetas, patriarca búlgaro, havia dado à Fraternidade Cátara a missão de fazer conhecer e espalhar pela Europa os mistérios da iniciação crística. Era preciso libertar a humanidade do personagem histórico de Cristo e dos dogmas a isso inerentes, pois são essas representações que sempre a impedem de ter acesso às possibilidades libertadoras que a Força crística cósmica propicia: o Graal, preenchido pela Luz que é capaz de expulsar todas as trevas das almas humanas. A pessoa que adquire essa compreensão descobre em si uma chaga incurável e isto a impulsiona a procurar a verdade uni-

versal. Ela não cessará de aspirar pelo renascimento de sua alma e já não dará ouvidos aos cantos de seu eu, que só deseja garantir a segurança e o poder de seu próprio mundinho. A humanidade deve aprender novamente a fazer essa oferenda que representa o amor ao próximo e a viver do santo e maravilhoso alimento dispensado pelo Graal.

Em 1954, no roseiral de Albi, ao lado da catedral-fortaleza do tempo da Inquisição, a Luz universal transmitiu à Jovem Fraternidade Gnóstica da Rosacruz Áurea, representada por Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, a missão de terminar a obra começada pelos cátaros, de completar sua expansão e de estendê-la sobre o mundo inteiro. Em seguida, Jan van Rijckenborgh, Grão-Mestre da Escola da Rosacruz Áurea, recebeu das mãos do senhor Gadal o selo de Grão-Mestre – o mesmo selo que o patriarca búlgaro Nicetas havia dado à Fraternidade dos cátaros, no século XII.

É para tornar essa ligação espiritual visível na matéria que foi erigido, em 5 de maio de 1957, em Ussat-les-Bains, no vale do Ariège, um monumento que recebeu o nome de Galaad. Esse nome aparece com freqüência nas lendas do Graal. Traduzido literalmente ele significa: «O Monte do Testemunho». Sobre o quadrado do monumento está apoiada a pedra do altar sobre a qual o Perfeito celebrava seu primeiro ritual após sua iniciação na gruta de Belém. Essa pedra foi oferecida, como relíquia, pelo último patriarca dos cátaros à Jovem Fraternidade Gnóstica. Este monumento simboliza os esforços contínuos para libertar a humanidade da sua prisão religiosa, esforços empreendidos pela



Aliança da Luz: Graal, Cátaros e Cruz com Rosas.

Descoberta de uma nova dimensão

Indubitavelmente, a gruta de Belém e a catedral de Lombrives, por exemplo, ainda são, atualmente, lugares especiais onde a atmosfera de pureza interior e de disponibilidade a serviço do próximo é sempre perceptível. A Catedral de Lombrives tem cerca de oitenta metros de altura. Era lá que os cátaros celebravam seus serviços. Em 1328 – oitenta e quatro anos após a queda de Montségur – essa gruta foi fechada para o mundo exterior e as 510 pessoas que aí permaneceram morreram de fome. Seus restos foram encontrados bem mais tarde.

Talvez a mensagem do Graal seja transmitida oculta sob imagens pitorescas, mas não é um conto de fadas. Trata-se de uma realidade vivente e vibrante, mesmo para nossa época. Entretanto, não podemos descobrir essa realidade pela exaltação ou investigando o passado. Para ter acesso a essa dimensão, é preciso seguir concretamente o processo da *endura*, isto é, o abandono dos desejos terrestres e a aspiração à união com o Espírito de Deus, a Gnosis Universal.

Segundo a lei hermética *O que está embaixo é como o que está em cima*, o Graal tem um aspecto macrocômico, um aspecto cósmico e um aspecto microcômico. Seu aspecto macrocômico é a manifestação universal; seu aspecto cósmico abrange a Terra como morada da humanidade e seu aspecto microcômico tem relação

com a presença da taça do Graal no próprio homem. Cada um deve realizar esse milagre: reencontrar interiormente essa taça, purificá-la e prepará-la, para nela receber a força santificadora do Espírito!

Eis a razão pela qual a imagem do Graal vivente toca profundamente a consciência humana: ela reanima a alma adormecida e prisioneira da matéria. A lembrança dessa realidade, que um dia existiu e que é continuamente apresentada à humanidade, impulsiona os seres humanos a buscar Deus. Para a eterna pergunta: *Quereis receber o Graal?* só podemos dar a eterna resposta: *Só há uma única condição: desejá-lo santa e profundamente!*

1 *Sermones contra catharos*, Eckbert van Schönau, 1163.

2 *No caminho do Santo Graal*, A. Gadal, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1983

Origem e significado das lendas do Graal

Montsalvat, o castelo do Graal. Era lá que se encontrava, segundo as lendas, a ordem dos cavaleiros guardiães do Graal. Assim como o rei Artur com seus cavaleiros, eles também formavam uma Távola Redonda. Quando eles se reuniam e o Graal era apresentado, eles recebiam um alimento miraculoso, e a simples visão do Graal lhes concedia a juventude eterna.

Segundo as lendas, o Graal é a taça da qual Cristo bebeu na Santa Ceia. José de Arimatéia, de posse dessa taça, teria nela recolhido o sangue do Redentor. A Taça miraculosa do Santo Graal é um símbolo que pode ser encontrado no mundo inteiro. Na Idade Média, na Europa, existiam versões dessas lendas nas tradições de muitos países. Diferentes religiões representam o sol e a lua como cálices preenchidos de alimento divino. Os heróis, em recompensa por suas nobres proezas, tinham o direito de haurir dele novas forças. A filosofia grega fala de uma «cratera» onde o deus supremo mistura as matérias da criação com a luz do sol. Essa taça era estendida às almas recentemente criadas para que elas daí tirassem a sabedoria.

Num mistério de iniciação grega é relatada uma festa mística que se assemelha muito com a refeição dos cavaleiros do Graal. De um recipiente sagrado, o *kernos*, os participantes recebem uma bebida que lhes dá acesso a um mundo superior. Uma imagem semelhante aparece igualmente nas tradições celtas: trata-se de um caldeirão cujo conteúdo pode

suscitar um renascimento espiritual. Em algumas lendas, uma pedra preciosa, ou pérola, substitui o símbolo da taça sagrada.

A maior parte das lendas indica que essa taça está guardada num templo ou castelo, especialmente construído para a ocasião. Por exemplo, um templo alto e redondo dotado de uma cúpula dourada, onde pedras preciosas representam um firmamento com um sol de ouro e uma lua de prata descrevendo sua órbita. Segundo alguns pesquisadores, um templo desse tipo devia existir na Pérsia, sobre a montanha sagrada de Shiz. Nesse santuário, o mais importante da Pérsia, ardia o fogo sagrado. Esse teria sido o lugar de nascimento de Zoroastro. As lendas budistas do Japão descrevem o monte Meru, a montanha mística que também nos faz lembrar o templo do Graal. Buda está sentado no cume, rodeado por seus *bodisatvas*, e, ao redor deles, circulam o sol e a lua.

O nível mais elevado que a alma pode alcançar

Todas essas lendas testemunham que o encontro com os valores espirituais do Graal modifica fundamentalmente a vida. Para desvendar um pouco esses mistérios, os rosacruzistas autênticos podem dar orientação, pois seus mistérios estão em relação direta com os do Graal. Eles partem do princípio de que não há somente um mundo visível e tangível, mas também um mundo superior não perceptível pelos sentidos. O mundo visível com todos



os seus aspectos, inclusive o homem, nasce, atinge o ápice do seu desenvolvimento e depois desaparece. Cada um pode constatar, por sua própria experiência, que este mundo não conhece a perfeição. Entretanto, ele é sustentado e mantido por um mundo imperecível, eterno. Segundo a sabedoria original, os habitantes desse mundo superior são perfeitos e, por isso, imortais.

Colocamos, agora, a pergunta crucial – e é aí que verificamos os mistérios do Graal – existe uma passagem entre o mundo eterno perfeito e o mundo imortal imperfeito? Haverá uma esfera, um espaço, uma dimensão onde a eternidade e o tempo se encon-

tram e se unem? Estritamente falando, não. O que acontece é que existem dois campos de vida fundamentalmente separados.

Entretanto, existe um domínio de transição no qual os dois mundos podem cooperar durante um certo tempo. Esse lugar se revela num movimento periódico de ir e vir.

Seres perfeitos do campo de vida eterno ligam-se, de forma rítmica, aos habitantes do campo de vida perecível a fim de elevá-los ao plano de vida superior. Esse processo é representado pelo símbolo da cruz. A eternidade, o traço vertical, desce ao mundo perecível, o traço horizontal, e penetra no mundo mortal. Assim é a crucificação:

Os doze irmãos. Kniha Václava z Jihlavy, Tchechoslováquia.

o mundo perfeito se oferece ao mundo imperfeito ligando-se a ele.

Eles mostravam o caminho vivendo-o para dar o exemplo

Os grandes sábios, como Buda, Zoroastro e Jesus, estabeleceram uma ponte entre esses dois mundos, reforçaram-no e explicaram-no, colocando-se, assim, a serviço da humanidade. Dessa forma, eles fizeram o sacrifício de seu sangue puro. Eles mostraram o caminho através da vivência, para dar o exemplo. Eles abriram a porta entre os dois mundos. Assim, a ponte espiritual que eles edificaram é sempre conservada por aqueles que seguem seu exemplo em palavra e por seus atos puros.

Uma tal ponte é um milagre. As múltiplas lendas representam essa ligação temporária e sutil, realizada pelo Graal, entre a eternidade e o tempo: a taça ou a cratera. Trata-se de um espaço, de um campo de vida protegido, como uma terceira natureza, no qual a alma que busca pode aprender a encontrar seu caminho através do mundo dos opostos, a fim de descobrir a eternidade.

As diferentes lendas descrevem como os cavaleiros do Graal vão executar suas proezas. Essas narrações são sempre tão atuais hoje quanto o foram há muitos séculos atrás. Entretanto, o homem moderno simplesmente não percebe o mundo perfeito, a meta de sua viagem final. Seus sentidos não lhe permitem. Ele percebe que deve haver outra coisa, mas não tem, a esse respeito, uma imagem clara. Isso o preocupa e o impulsiona a procurar. Ele se perguntará por que vive, para que ser-

ve a vida e por que tanta gente, inclusive ele, tem de sofrer, sem esperança.

Com sinceridade, ele começa a procurar, como Parsifal; e um cavaleiro do Graal não deixará de cruzar seu caminho. Quem parte em busca do Graal talvez já tenha estado em contato com ele, mesmo que inconscientemente.

O domínio de transição

À noite, durante o sono, pode acontecer aquilo que é impossível acontecer durante o dia: uma parte da personalidade se separa do corpo e vai para os domínios invisíveis que correspondem à vida interior. Se estivermos animados por um grande desejo, ainda que inconsciente e sem orientação precisa, de compreender o sentido da vida, os aspectos superiores de nossa alma se dirigirão, à noite, para os domínios correspondentes. Então, a alma que busca tem a possibilidade de se encontrar num lugar de transição entre os dois mundos. Lá, ela é tocada pela pura energia do Graal. Isso acontece durante a fase sem sonhos do sono profundo, quando a consciência está desconectada e, por isso, já não constitui um obstáculo. É o que acontece a Parsifal quando ele entra pela primeira vez no Castelo do Graal sem compreender o que está acontecendo ali. Ele partiu tão ignorante como quando ele aí havia chegado; faltava-lhe ainda levar uma vida de austeridade antes de começar uma busca consciente e encontrar o caminho.

O caminho que a Rosacruz Áurea mostra visa despertar no pesquisador uma nova alma livre e ligá-la ao Espírito Divino. Em outras palavras, a Ro-

sacruz Áurea abre para o pesquisador incondicional – Parsifal – o caminho que conduz ao Castelo do Graal, o campo de vida original da alma. É o caminho que todas as lendas do Graal descrevem, embora o conteúdo e a forma não sejam sempre semelhantes. Frequentemente são apresentadas somente algumas fases da evolução de Parsifal. Assim, o texto *Perceval* do poeta francês Chrétien de Troyes (século XII), por exemplo, é fragmentário. Nele não é relatado que Perceval retorna conscientemente ao castelo do Graal.

O *Parzival* do poeta alemão Wolfram von Eschenbach (cerca de 1170-1220) descreve o caminho por inteiro; ele mostra de uma maneira velada que, para isso, necessita-se de uma nova consciência, e para começar é preciso descobrir a fonte interior oculta. Portanto, cada um tem a possibilidade de receber e de utilizar uma força interior muito especial. Essa força de origem cósmica é também denominada sangue divino. Aquele que consegue encontrar e receber essa energia é fundamentalmente transformado e posto em condição de receber diretamente a sabedoria divina. O mistério do Graal não é, pois, um processo exterior, mas se passa no mais elevado nível que a alma pode alcançar.

A esse propósito, a saga do rei Artur é mais clara. Trata-se aqui de Galaad, o cavaleiro irrepreensível. Com Parsifal e um outro cavaleiro da Távola Redonda, ele se põe a caminho, em busca do Graal sagrado. Ao se aproximarem do castelo, eles percebem uma luz que não vem do sol. Em seguida, Galaad torna-se rei do Graal: ele representa o homem perfeito e a nova consciência da alma despertada. Ele é, portanto, o símbolo do aspecto

desconhecido do ser humano: a consciência latente de sua verdadeira natureza que aspira ao mais elevado poder, ao Bem supremo. Assim que essa consciência ressurgir, o caminho se abre à percepção lúcida do Graal.

A muralha de sua própria
impotência

No homem dormita, portanto, um aspecto desconhecido: o aspecto do Graal. Despertar esse elemento é, segundo a Rosacruz Áurea, a verdadeira finalidade da vida sobre a terra. É sabido que a humanidade se choca, nos dias atuais, contra a grande muralha de sua impotência; chegou o momento de desvendar novamente o segredo do Graal, pois ele contém a solução de todos os problemas.

As lendas do Graal apareceram todas ao mesmo tempo, por volta do século XII, tanto na Europa Ocidental e Oriental como na Pérsia. Teria sido um acaso? Os servidores do Graal viram surgir uma época na qual a maior parte dos seres humanos restabeleceria a ligação interior com o mundo superior. Se não fosse assim, esta desapareceria completamente, pois a influência da ciência e da técnica faria evoluir uma mentalidade que fecharia aos seres humanos o mundo da Alma-Es-pírito. Talvez seja uma das razões do ressurgimento das lendas do Graal naquela época. Seu misticismo e seu romantismo misterioso deviam continuar a interpelar os corações nos séculos vindouros. Quando a alma cai em uma grande angústia, essas alegorias de profundo significado poderiam lhe servir de guia. Em nossa época turbulenta e incerta, esses antigos contos

emocionantes mostram que o caminho interior, velho como o mundo, continua praticável: o pesquisador de hoje, como os cavaleiros da Távola Redonda, tem sempre a possibilidade de fazer parte do mundo superior.

Em diversos episódios, trata-se de duas Távolas Redondas: a dos cavaleiros do Graal e a do rei Artur. Isto mostra que a unidade do mundo superior, simbolizada pela Távola Redonda dos cavaleiros do Graal, deve ser realizada no mundo inferior: a Távola Redonda do Rei Artur. Os candidatos que se preparam para ir ao encontro da Taça sagrada precisam, aos poucos, se purificar interiormente e se libertar de todas as influências que os retêm na vida inferior. No decorrer desse processo, eles vão progressivamente juntar-se à Távola Redonda superior, de conformidade com as palavras de Cristo: *O Pai e eu somos um, e vós sereis unos comigo*. Nesse caminho, a Santa Ceia oferece um alimento que já não é simbólico, mas direto e concreto. Cada membro do grupo assimila as energias divinas concentradas na medida em que está preparado e pode suportar.

Assim, o processo de mudança interior tem início e o Graal se ergue neles; então, a Taça invisível do Espírito se manifesta no grupo de orientação convergente e se estabelece no meio do mundo.

No *Corpus Hermeticum* (antigo escrito iniciático egípcio) podemos ler: *Ele fez descer uma grande cratera, preenchida por forças do Espírito e enviou um mensageiro para anunciar aos corações dos homens: mergulhai nessa cratera, vós, almas que o podeis;*

*vós que aguardais, com fé e confiança, vos elevar até àquele que fez descer esse vaso; vós que sabeis para que finalidade fostes criados. Todos aqueles que deram ouvidos a essa advertência e se purificaram imergindo-se nas forças do Espírito tiveram parte na Gnosis, o vivente conhecimento de Deus, e recebendo o Espírito, tornaram-se homens perfeitos.**

* *A Arquignosis Egípcia e o seu chamado no eterno presente*, vol. 2, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1986.

A viagem do Oriente ao Ocidente

Uma das numerosas lendas do Graal relata como a taça misteriosa chegou ao Ocidente. Bem antes do nascimento de Merlin, a taça do Graal pertencia a um oriental de nome José. Como ele obteve a taça, quem a havia feito, de onde vinham seus poderes milagrosos? Ninguém o sabia.

Em certas ocasiões, José convocava sua família e seus amigos para uma refeição que era servida sobre uma mesa de prata. Quando todos haviam tomado seus lugares, ele exibia o Graal e o colocava no centro da mesa, encoberto por uma nuvem luminosa. Em seguida, ele pedia a um velho pescador para descer ao rio e apanhar um peixe de prata que nadava nas águas claras. O pescador estava habituado a isso e cada vez ele voltava com um grande peixe brilhante. José lhe ordenava que o preparasse sobre um fogo de carvões ardentes. E quando o peixe ficava pronto, servia a preciosa carne aos convidados, não importando qual fosse o número deles. Aqueles que haviam provado esse manjar milagroso sentiam-se, de repente, plenos de alegria, e tornavam-se suficientemente fortes para evitar o mal e fazer o bem. Terminada a refeição, todos voltavam para seus lares. E, embora essa cerimônia tivesse sido repetida por centenas de anos seguidos, e que muitos, graças a isso, tivessem tido uma vida feliz, somente José e o velho pescador conheciam o segredo do Graal e do Peixe. Assim, eles estavam em condições de socorrer a humanidade.

Mas naquela época não havia só gente boa. O país de José era governado por um príncipe mau que, muitas vezes, já havia tentado furtrar a preciosa taça. Entretanto, mesmo aprisionado, José nunca revelou o esconderijo de seu tesouro. Ora, seus inimigos continuavam a procurá-la e ameaçavam José, sua família e seus amigos; mas nada conseguiam.

«Tem confiança, toma a taça e parte.»

Um dia, quando José trabalhava em seu jardim, recebeu a visita de um ser luminoso que lhe recomendou levar a taça para um país longínquo, para além do mar, ao Ocidente. José lhe perguntou como faria isso. *Eu não passo de um jardineiro e trabalho habitualmente nos campos de trigo. Não tenho nenhum barco e não conheço ninguém que saiba navegar.* Entretanto, o personagem lhe disse para não ter medo. *Tem confiança. Chama tua família e teus amigos, pega a mesa de prata, a taça, e parte!* Ele desapareceu; José foi para casa e chamou o pescador. Pediu que ele reunisse as pessoas para preparar essa grande viagem ao desconhecido e acompanhá-los.

Logo tudo ficou pronto e eles partiram: José, o pescador, os filhos e seus amigos. Eles levavam a mesa de prata e José carregava a taça do Graal num pequeno cofre decorado com centenas de pedras preciosas. Dias se passaram e eles chegaram à beira do mar. Este se estendia diante deles,

azul e misteriosamente iluminado, aqui e ali, por luzes de cores rosa e violeta. Eles viram, no horizonte, nuvens baixas que pareciam ilhas rodeadas pelo brilho dourado do sol poente. Deveriam ir até lá? Estariam as ilhas do Ocidente sendo anunciadas a José? Entre os viajantes e as ilhas havia uma grande extensão de água com ondas turbulentas. Para atravessá-las seria preciso um barco, mas não havia nenhum, nada com o que alguém pudesse ousar fazer essa grande viagem. José mantinha-se à beira do mar, e todos aqueles que confiaram nele o interrogavam com os olhos. Então, acima da água, soou uma voz que todos puderam ouvir: *Toma tua vestimenta branca, José, e estende-a sobre a água!* José obedeceu. Tomou sua vestimenta de linho branco e estendeu-a sobre a superfície ondulante das águas. E eis que a vestimenta tomou a forma de um barco. Então, novamente, a voz ressoou como o chilrear de um canto de pássaro ao anoitecer: *Sobe a bordo, José, e que todos te sigam.*

José pegou o pequeno cofre do Graal e, confiante, subiu a bordo. A vestimenta branca provou ser suficientemente forte para levá-lo e a embarcação ficou tão imóvel como se estivesse presa por uma âncora. Os outros o seguiram e depositaram a mesa de prata no centro da embarcação. Quando todos tomaram seus lugares à mesa, o barco, impulsionado por uma força misteriosa, começou a mover-se e tomou rapidamente a direção do Ocidente.

O bastão se enraíza na terra
gelada

Logo o sol declinou, a lua subiu ao céu e o barco continuou seu curso mais rapidamente do que qualquer

outra embarcação. Entretanto, a lua também se deitou; depois, atrás deles, o sol despontou novamente, e, nos raios de luz dourada que despertavam para a nova vida, José percebeu a praia de areia branca e os altos rochedos do país do Ocidente. Ele os contemplou com admiração, mas, quando os viajantes aproximaram-se, descobriram que haviam trocado o calor do verão e árvores cheias de frutos por um país onde reinava o frio do inverno e cujo solo estava coberto de neve. O gelo, que havia recoberto os rochedos durante a noite, brilhava; e os rios corriam sob uma dura crosta gelada. O barco levou os viajantes para uma pequena baía, onde o vento do norte os apressou a procurar um abrigo. José foi o último a sair, e a voz mandou que ele recolhesse e usasse novamente sua vestimenta. Milagre! Ela estava seca, quente e confortável!

Os viajantes subiram uns atrás dos outros: José com o pequeno cofre, o pescador, os que carregavam a mesa de prata e toda a comitiva. Eles galgaram as alturas, desceram aos vales, depois chegaram num lugar mais acolhedor. José apoiou-se em seu bastão e olhou se o lugar era conveniente para aí se fixar. Então, seu bastão começou a vibrar e dele saíram brotos e ramos cobertos de flores brancas: ele se enraizou no solo gelado! A árvore cresceu rapidamente e tornou-se tão grande que José pode facilmente instalar-se debaixo dela. Quando ele tocou as flores, elas esparziram um perfume maravilhoso.

José chamou o pescador e seus amigos e lhes pediu para colocarem a mesa de prata sob a árvore. Todos se instalaram ali. Então, o pescador encontrou um peixe de prata num ribeirão próximo, como se esse peixe o estivesse esperando há muito tempo. Ele o levou a José, que o preparou sobre os carvões em brasa. O Graal foi colocado no meio da mesa, e todos se

apressaram a tomar parte da refeição mágica, que lhes era familiar, sob a árvore florida. Essa foi a primeira refeição feita no país do Ocidente, enquanto colinas e vales desapareciam sob uma espessa camada de neve.

A taça envolta por uma nuvem luminosa

Nesse momento, um ancião vestido com um grande casaco os observava. Era um druida que apareceu por acaso. Espantado, ele olhava esses homens morenos, com suas vestimentas orientais coloridas, instalados ao redor de uma mesa de prata sob uma árvore florida. Mas era principalmente a taça envolta por uma nuvem luminosa que atraía sua atenção. Quando eles terminaram de comer, um deles levantou-se e, com grande cuidado, tomou a taça cintilante em suas mãos. Todos se levantaram, pegaram a mesa de prata e continuaram seu caminho pela neve. O druida aproximou-se da árvore e tocou-a. A árvore era verdadeira, assim como as flores de odor delicado. Ele retornou para sua casa e contou a todas as pessoas o que havia visto. Então, o rei do país do Ocidente ofereceu a José e a seus amigos a terra onde a árvore se encontrava. Eles ali construíram uma capela e, durante muitos anos, puderam reunir-se tranqüilamente ao redor da mesa de prata e permanecer no país, graças à influência protetora e salutar do Graal.



Jesus, pescador.
Papiro copta,
Staatliche Museen,
Berlim. Pedra
tumular do século
XIII. Museu de
Lerida, Espanha.



O Livro dos Reis da Pérsia antiga

O Irã, a antiga Pérsia, é, junto com os países árabes, há séculos, um importante centro do mundo islâmico. No Ocidente, esquecemos com frequência que os diferentes países islâmicos têm raízes e tradições muito distintas. Em nossos dias, o que se conhece sobre a mitologia da Pérsia é muito anterior ao início do Islã.

A pesquisa científica mostra que, no espaço e tempo, as tentativas que visam tornar os homens conscientes de seu verdadeiro destino são universais. Encontramos testemunhos em palavras, escritos e símbolos sobre a terra inteira. É como um fio de ouro que liga entre si os pesquisadores de todas as raças, em todos os séculos.

Após o islã ter se tornado religião de Estado, na Pérsia, correntes e movimentos continuaram tentando fazer reviver a antiga herança espiritual do Irã. Eles procuraram a essência daquilo que se conservou e a adaptaram ao espírito do tempo. Assim, o fio de ouro foi novamente restabelecido e seu devido valor reiterado por toda parte onde isso se fez necessário.

No século XII, o sábio persa Shihab ad-Din Yahya al-Suhrawardi (1154-1191) religou o ensinamento de Zoroastro e as tradições do antigo Irã com a sabedoria hermética e o neoplatonismo grego. Ele hauriu dessas fontes para atualizar sua mensagem, pois essas duas correntes de sabedoria eram muito conhecidas e apreciadas no seu tempo. Em um de seus relatos ele faz reviver, de certa forma, a imagem do Graal, uma clara e poderosa imagem que difunde a profunda verdade do ensinamento espiritual libertador. As fontes de seus dizeres sobre a ação do Graal estão ocultas na pré-história da Pérsia.

A taça mágica com sete círculos

Todos os iranianos conhecem e veneram o *Livro dos Reis*, o *Shah-naméh*, que foi composto no ano 1000 d.C. pelo grande poeta Firdawsi e compreende 50.000 versos. No Irã, ele é tão considerado quanto a *Odisseia* de Homero ou *A Divina Comédia* de Dante no Ocidente. O *Livro dos Reis* é uma gigantesca epopéia sobre os tempos extremamente anti-

gos, quando os sábios príncipes conduziram seus povos de forma justa e levaram sua civilização a um imenso desenvolvimento. Conta-se de Jamshid, o mais importante rei, o quarto desse período, que seu trono flutuava no ar e que ele possuía uma taça mágica com sete círculos. Na mitologia da Pérsia, essa taça é conhecida como a Taça de Jamshid. Mais tarde, ela foi denominada *a taça que reflete o universo*. Entretanto, satisfeito demais com suas obras, Jamshid caiu sob o domínio do mal. *Sobre a terra, eu só conheço a mim mesmo: o trono real jamais viu um homem tão famoso como eu*. Ele perdeu a razão e foi destronado por um jovem que estava sob as ordens do mal. Esse acontecimento marcou o começo da luta sempre atual entre o bem e o mal, simbolizada pelo combate do Irã e de Turã.

O rei Jamshid não é uma invenção de Firdawsi. Suas descrições do passado iraniano e dos dezessete primeiros reis têm por fundamento a obra do grande sábio Zoroastro (cerca de 628-551 a.C.), que propagou, na Pérsia, o ensinamento monoteísta de Ahura Mazda e de seu adversário Ahriman. Jamshid é o antigo rei Yima das tradições zoroástricas, que remontam à pré-história da Índia.

O reino de Yima é conhecido como a Idade de Ouro, quando não havia nem doença nem morte. Ele era um príncipe justo e sábio, chamado de o Bom Pastor. O número de imortais cresceu tão depressa sob sua direção, que ele decidiu ampliar a Terra três vezes. Mas o demônio Mahrkuscha enviou um terrível maremoto seguido de verões tórridos que provocaram uma seca tão grande, que só Ahura Mazda pôde impedir a exterminação dos seres humanos. Ele mandou Yima cavar uma morada subterrânea, onde todos os homens e todos os animais encontrariam um abrigo e onde haveria fartura de água, árvores, flores e frutos.

A ilha celeste, atribuída a Mirza Ali, Ca.1560.

No fim da Idade de Ouro Yima torna-se mortal

Diz-se que foi o orgulho de Yima que provocou essa catástrofe. Ele teria se desviado de seu Criador e se encerrado no erro. A Idade de Ouro terminou e Yima tornou-se mortal. Desde que propagou suas falsas idéias, a Luz de Glória (Xvarnah) retirou-se. Segundo os iranianos, todos os reis legítimos possuíam essa luz. Zoroastro disse: *Ela ilumina cada céu que, do alto, resplandece de luz e se estende acima e ao redor desta Terra, assim como um jardim criado no mundo espiritual irradia sua luz sobre as três partes da Terra.*

Esses mitos dos tempos primitivos apresentam uma fase do desenvolvimento da humanidade quando os reis sacerdotes ainda existiam. Nessa época, a humanidade era guiada por esses reis que possuíam a Taça de Jamshid ou Luz de Glória. Eles estavam ligados ao Espírito de Deus e tinham por tarefa proteger seu povo graças a uma sociedade justa e ordenada, a fim de que ele pudesse desenvolver-se. Não são somente os mitos persas que falam deste sacerdócio-real, mas também os mitos do Egito antigo.

Voltemos para *Livro dos Reis, o Shah-nameh*. Nos contos e lendas da luta entre Irã e Turã aparece um homem que tem um papel importante na busca do Graal. Seu nome é Kay Khosraw, o oitavo e último rei da dinastia dos Kayanides. Sua vida mostra muita semelhança com a dos cavaleiros das lendas do Graal conhecidas no Ocidente.

Seu avô, o rei do Irã, não sabia o que fazia quando atacou o reino dos demônios. Seus adversários o aprisionaram e lhe vazaram os olhos. Graças ao herói Rustam, que afrontou sete perigos, o rei voltou finalmente ao trono do Irã. Seu filho retomou a luta contra Turã mas, forçado pelas circunstâncias, se entendeu com seu inimigo, o rei de Turã, e esposou sua

filha, Farangis. Pouco depois, ele perdeu sua vida devido a traição. Farangis estava grávida e deu à luz, após a morte de seu esposo, um filho denominado Kay Khosraw.

Os reinos do bem e do mal são entrelaçados

As relações entre Irã e Turã mostram que, no tempo de Kay Khosraw – nos primeiros tempos da história do Irã – o reino do Bem e do Mal já estava em curso. O novo príncipe Kay Khosraw é o protótipo dessa dualidade. Seus avós foram, respectivamente, os reis de Irã e Turã.

Como nas lendas ocidentais sobre o Graal, fica claro que os guardiões da taça mágica a têm desmerecido muito. É preciso um ato enérgico para fazer a Taça de sete círculos de Jamshid, onde o Universo se reflete, volte à Terra para libertar a humanidade.

A juventude de Kay Khosraw se parece com a de Parsifal. O pai de cada um deles é assassinado traiçoeiramente. Os dois são filhos de princesas e crescem ao lado de suas mães na solidão de uma floresta. Quando jovens, eles sentem atração pela cavalaria. Quando Kay Khosraw, pela primeira vez, encontra-se diante do rei de Turã, ele passa por um tolo e não fala de suas origens. Parsifal igualmente se conduz como um simplório, um pateta que nem mesmo sabe seu nome.

Kay Khosraw chega finalmente ao Irã, ao lado de seu avô, que o faz imediatamente rei. Ele jura vingar o assassinato de seu pai, e não mais ter descanso antes de ter vencido o malvado rei de Turã.

Kay Khosraw, como Parsifal, tem como objetivo restabelecer a justiça divina original. É então que o Graal aparece de novo: um jovem iraniano é feito prisioneiro em Turã. Para salvá-lo, no dia do Ano Novo na Pérsia, Kay Khosraw coloca uma vestimenta

especial e cinge a coroa dos Kayanides; depois, pega a taça mágica com sete círculos onde o Universo se reflete e tenta descobrir o jovem num dos sete mundos.

Logo se dá a luta decisiva entre Irã e Turã. Kay Khosraw vence o rei de Turã, que foge em seu cintilante palácio de Gangbehest. Após um longo cerco, Kay Khosraw vence seu adversário. Então, começa um período iluminado de sessenta anos no Irã.

No final de sua vida terrestre, Kay Khosraw, com oito cavaleiros, sobe uma alta montanha. Quando ele os adverte da chegada de uma tempestade de neve e aconselha a retornar, três cavaleiros acatam seu conselho, mas cinco deles continuam a acompanhá-lo até o momento em que eles chegam a uma fonte. Lá, o rei se despede de seus cavaleiros, banha-se na Água da Vida e desaparece. Os cavaleiros o procuram ainda durante muito tempo e acabam se perdendo na tempestade de neve.

O Graal e a Luz de Glória

A lenda persa da Taça com sete círculos que reflete o universo se parece muito com as lendas do Graal. Esta taça está ligada à Luz original que está fora do alcance da consciência comum, que, aliás, é vigiada e combatida pelas trevas. No mesmo contexto, a tradição de Zoroastro fala sobre o «Xvarnah», a Luz da Glória que envolve a Terra e confere a realeza aos príncipes do Irã. Um hino zoroastriano relata como a Luz da Glória é transmitida, em seguida, a oito reis. O último rei tem por nome Kavi Husravah, nome zoroastriano de Kay Khosraw. Portanto, com Zoroastro igualmente aparecem os oito reis portadores de luz da dinastia dos Kayanides. O número oito – oito reis e oito cavaleiros que acompanham Kay Khosraw – faz pensar na tradição ocidental segundo a qual oito descendentes de José de Arimatéia

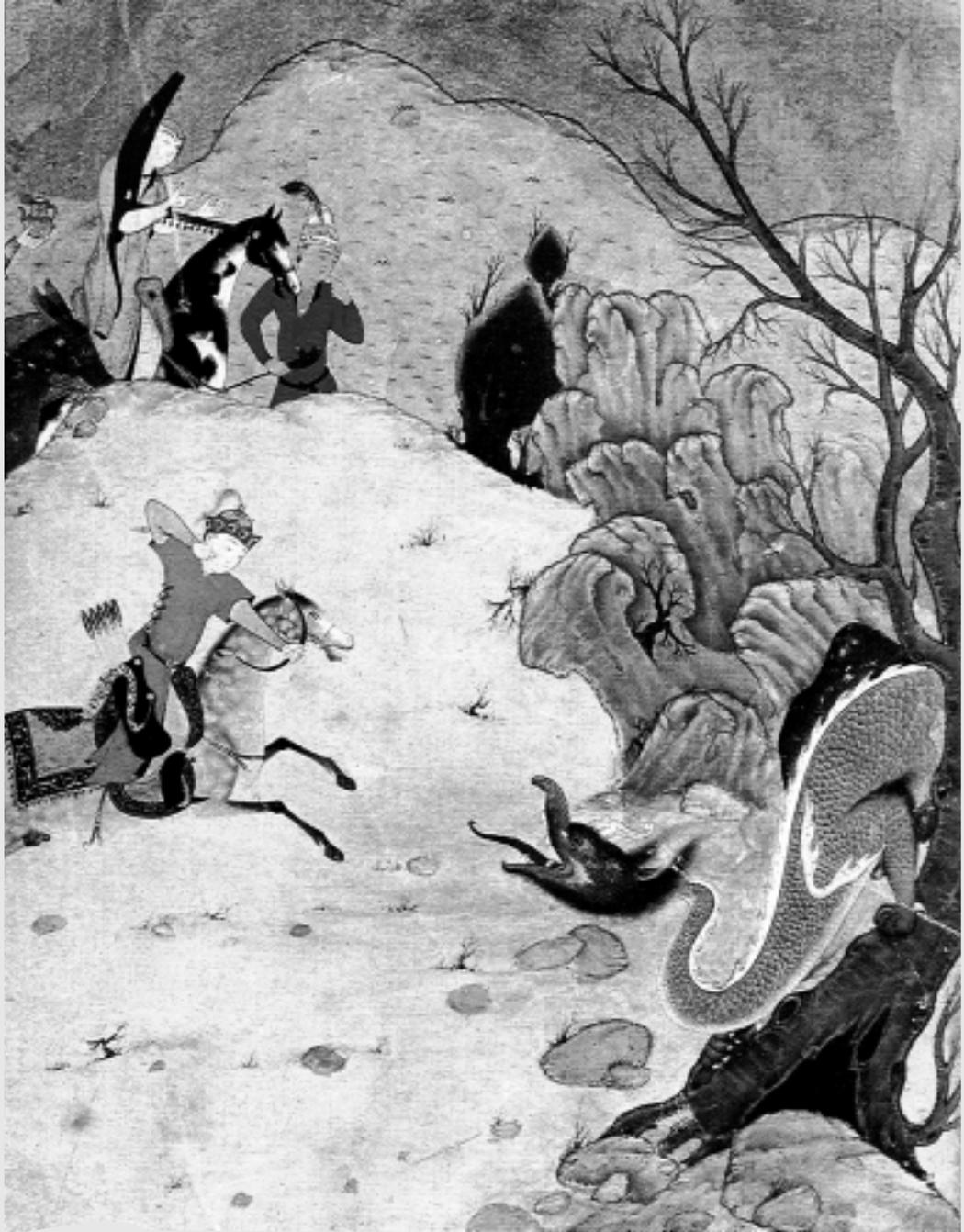
conservaram a taça na qual ele recolheu o sangue de Cristo.

Substituição do ser interior

Após esses exemplos de lendas relativas ao Graal na antiga Pérsia, uma questão apaixonante se impõe: para onde foi uma tal herança? Onde podemos retomar o fio de ouro? Afinal, cada civilização tem sua própria língua e características particulares, de modo que os homens de cada época têm outras tarefas e possibilidades para alcançar a meta, seguindo um processo de mudança interior. É interessante notar que as lendas do Graal reaparecem no século XII, não somente no Ocidente, mas também na Pérsia.

No mundo árabe persa, Suhrawardi retoma os temas do Graal, sob o ângulo do zoroastrismo, das tradições da antiga Pérsia, do hermetismo e dos elementos helenísticos. Para ele, importa menos uma filosofia ou uma teologia do que as experiências concretas do pesquisador da verdade. Após muitas provas, este último pode dar uma vista d'olhos na Taça com sete círculos e assim ligar-se a um novo e superior campo de vida. É por isso que ele não fala dos sacerdotes-rei que intervieram como substitutos do Criador, mas de uma substituição do ser interior em cada pessoa.

Na Pérsia de Suhrawardi existiam numerosos símbolos que se referiam ao País da Luz do Espírito divino, uma rica herança provinda do tempo de Zoroastro. Mas a idéia do Reino de Luz amplamente difundida por Mani exercia ainda uma grande influência. Mais tarde, Mani foi considerado e tratado pelo Islã como herético; entretanto, fragmentos de seu ensinamento foram conservados em textos mais tardios da mística e do gnosticismo persas. Em seus hinos e seus salmos, Mani descreveu o País da Luz de Deus, ao qual deve aspirar o homem



mutável e cego. Esses textos de Mani provêm das tradições da antiga sabedoria persa; contudo, ele denominava a si mesmo Apóstolo de Jesus Cristo segundo a vontade de Deus.

O Espírito da verdade veio e nos desatou da ilusão do mundo. Ele nos entregou um espelho. Contemplando-o, vemos nele o Universo.

Ele nos mostra que existem duas ordens: a ordem da Luz e a ordem das trevas.

A ordem da Luz penetra a ordem das trevas.

Não obstante, a ordem das trevas está separada da Luz desde o começo...

A corrente da iluminação

No século XII, Suhrawardi hauriu dessa fonte e instituiu o Ishraq, a Corrente da Iluminação, denominada também de *A Radiação da Aurora*. Ele deixou uma obra considerável. Parte

em árabe, parte em persa, ele redigiu considerações teológicas e também narrativas alegóricas e herméticas. Ele explica, em trechos diferentes, a quais tradições espirituais ele se sente ligado; e insiste sempre na importância, não dos conhecimentos, mas da experiência concreta: *Quanto aos amigos sobre o caminho, eles percebem, em suas almas, luzes que os deixam num encantamento extraordinário, porque essa luz não se encontra na vida terrestre. Para o principiante, é uma luz fugaz como o raio; para o mais adiantado, uma luz uniforme, e, para o homem superior, uma luz celeste obscura. Quanto à luz obscura que leva à pequena morte, o sábio Platão, entre os gregos, foi o último que realmente a conheceu, assim como o Grande Espírito cujo nome foi conservado ao longo da história de Hermes.*

Suhrawardi só consagrou algumas linhas à taça, ou Graal. Ele parte do princípio de que seus leitores conhecem bem a história do rei mítico Kay Khosraw. *O Graal, o espelho do universo, pertencia a Kay Khosraw. Ele podia ler nesse espelho tudo o que quisesse, contemplar as coisas ocultas e conhecer as coisas manifestadas. Diz-se que o Graal encontrava-se em um estojo de couro, de forma cônica e atado por dez tiras. Quando Kay Khosraw quis, um dia, ver as coisas ocultas, ele confiou o estojo ao torneiro. Quando todas as tiras foram desatadas, o Graal ficou invisível. Porém, quando o estojo, na oficina do torneiro, foi remarrado, o Graal tornou-se novamente visível.*

O tema da taça, espelho do Universo, remonta a um passado muito longínquo e era ainda conhecido no tempo de Mani.

Portanto, para Suhrawardi, fica claro que o Graal desce na natureza do homem para libertá-lo dela. O imortal desce no mortal. A natureza terrestre é o invólucro, o Graal está escondido dentro do estojo, voluntariamente amarrado. No interior desse invólucro,

a nova alma precisa despertar para receber o Espírito. Kay Khosraw já possuía essa ligação, em princípio. Permanecendo em seu corpo, o Graal era visível, quer dizer, agia na natureza terrestre. Assim que ele desfez os dez laços e voltou-se totalmente para as coisas invisíveis, o Graal não foi mais visível. Afinal, elevar-se no Espírito significa desligar-se da matéria.

E como o Graal é preenchido pelo Espírito?

Quando o sol encontrava-se no equinócio da primavera, segundo Suhrawardi, Kay Khosraw elevou o Graal para o sol. Imediatamente uma poderosa luz caiu sobre ele e todas as linhas e representações do mundo nele se manifestaram. Ele conclui: Quando eu ouvi o mestre descrever o Graal de Jam, eu fui, eu mesmo, o Graal do mundo, o espelho de Jam. No Graal do mundo, o espelho, nós vimos, em lembrança, que cada Graal é uma chama que nos faz morrer.

Repetidamente, Suhrawardi indica que o eu da natureza deve morrer de modo que uma nova alma possa nascer. Sob a ação do Graal, o superior deve substituir o inferior. Tal foi sua mensagem aos homens de seu tempo: são nossos atos que nos transformam.

Seu ensinamento exerceu ainda uma grande influência muito tempo após sua morte. Sua fraternidade tinha por nome *Ishraqiyun*, e também *Khosrawiyun*, segundo o legendário Kay Khosraw.

Essa comunidade perpetuou-se após seu desaparecimento e encontramos traços dela até em nossos dias.



Kitesj, símbolo de um cosmo inviolado

O Graal é o símbolo de uma realidade espiritual incompreensível para a consciência comum. Esta, só com dificuldade pode tentar aproximar-se dele! Entretanto, emana desse símbolo uma força criadora e dinamizadora, uma força portadora de cura e de renovação. Além disso, essa força exerce sua ação sobre a consciência humana e sobre as atividades que dela decorrem; e ela abre a porta a visões intuitivas capazes de esclarecer a consciência comum, chamada de normal.

Quando se descreve o Graal, fala-se de taça ou vaso sagrado, de pedra preciosa luminosa, de um fogo puro, de uma música celeste que invade todas as coisas, de uma força salvadora e santificadora que torna supérfluo qualquer outro alimento, de pura luz da sabedoria e também de uma cidade oculta. A consciência terrestre está impossibilitada de dar a exata definição de uma realidade espiritual de uma ordem elevada, de rotulá-la. Talvez seja por essa razão que o Graal é um conceito que, em toda parte, interpela o homem até o mais íntimo do coração.

Quando não é representado materialmente, ele é considerado como um fogo, como uma energia espiritual – todas as lendas são unânimes – inacessível aos simples mortais, a menos que estes tenham se preparado especialmente para a prova, seguindo um plano muito claro. Se não for este o caso, eles seriam, então, simplesmente consumidos por essa energia muito especial e não-terrena.

O Graal cósmico é imperecível. Ele exerce sua influência de duas formas: às vezes, ele se manifesta por meio de símbolos, esboçando as linhas de força com a qual sua energia é animada; outras vezes, por intermédio de sua ação libertadora e regeneradora. Os símbolos falam à consciência intuitiva do homem receptivo e o impulsionam a buscar e a agir de maneira lúcida e inédita. Tal comportamento pode fazer nascer um novo tipo de homem, o qual confiará a conduta de sua vida cotidiana ao princípio interior imortal. Esse princípio é o fundamento da alma eterna. Graças a esse poder da alma, ele tem a capacidade de ir conscientemente ao encontro do Graal e de se colocar a seu serviço. Colocar-se a serviço do Graal significa, portanto: conhecer o plano de Deus para o mundo e a humanidade e colaborar com ele. Então a alma, uma vez purificada, renovada, e com isso tornada imortal, encontra seu lugar na grande e antiga Fraternidade do Graal, que abarca todo o universo.

Sobre essa base, o Graal não pode ser encontrado

Nessas condições, vemos claramente a razão pela qual reina, em todas as lendas do Graal, uma grande incerteza sobre a natureza e a direção da busca. Onde é preciso procurar esse Graal? E qual é o momento propício para se pôr a caminho? A busca depende de um ponto de partida bem determinado? No início, a busca só reflete nossas próprias idéias. Ora, sobre essa



O Cavaleiro Branco combate Ivan. Gravura sobre madeira, *Contos das florestas e estepes russas*, Dr. Boris Rapschinsky.

base, o Graal não pode ser encontrado, mesmo que nossa imaginação alcance um alto grau de refinamento e de idealização. Não há, portanto, com que se espantar se tantos pesquisadores e Prometeus assaltam o céu e ficam de mãos vazias, a despeito de seus nobres e corajosos esforços. Somente é possível encontrar e conservar o Graal quando a conduta é plena de dignidade e orientada para uma espécie de cavalaria interior, quando tudo foi deixado para trás, quando cessa o pensar, sentir e agir de acordo com a consciência terrena, quando todos esses elementos terrenos estão mortos e um lugar é preparado para a alma vivente eterna.

Existia na Rússia, na época medieval, uma ordem cavaleiresca que aspirava à honra e ao enobrecimento interior. Essa ordem queria servir a Deus, defender a pátria e socorrer os pobres, os doentes e os oprimidos.

Nas cortes principescas e mansões dos nobres, a filosofia, a astrologia, a alquimia e a magia eram praticadas da mesma forma que no resto da Europa. Nessa época, a Rússia encontrava-se sob a influência da cultura persa altamente elaborada, onde encontramos os mais antigos traços conhecidos das lendas do Graal.

Paralelamente a essa fraternidade cavaleiresca, a lenda de Kitesj teve um papel não secundário. O compositor russo Rimsky-Korsakof (1844-1908) escreveu uma ópera intitulada *Skazanije o nevidimom grade Kitesj i deve Fevronii* (A cidade invisível de Kitesj e a virgem Fevrônia). Essa ópera descreve, de forma mais clara do que a das lendas do Graal da Europa ocidental, a preparação necessária para ser admitido numa ordem cavaleiresca.

A sabedoria da alma medieval

O autor do libreto, W.J.Belski, fez a síntese de todas as concepções que povoam os mitos, contos e lendas russas. Aqui, é a *Saga da Jovem Fevrônia da cidade de Murom* que ocupa o lugar central. A *Crônica de Kitesj* (1251) de Meledins sobre a edificação da Pequena e da Grande Kitesj em três anos, sobre os 75 anos que duraram essas duas cidades, sobre a destruição da Pequena Kitesj, em 1239, forneceu o quadro histórico dessa saga. Em colaboração intensa com Rimsky-Korsakov, W.J.Belski fez-se intérprete da sabedoria popular da alma medieval.

Há pouca ação dramática nessa ópera, o que permite aos artistas, segundo Belski, dar ênfase a todas as emoções. A música poética e lírica de Rimsky-Korsakov torna vigorosos os sutis estados de alma – exatamente como na *Flauta Mágica* de Mozart – ela traduz claramente as três fases de evolução da consciência:

- a compreensão concreta, que é limitada aos fenômenos terrestres cotidianos;
- a experiência intuitiva e mística da luz que não projeta sombra. No coração do ser que aceita conscientemente a luz, exprime-se a fé autêntica do cristianismo original. É essa fé que confere a sabedoria;
- a consciência espiritual, tal como a despertada em Fevrônia, que, após ter ela suportado provas sobre-humanas, a conduz ao campo do progresso espiritual.

Essa pureza interior espiritual coloca Fevrônia em ligação com a luz do Graal e com o domínio onde a Fraternidade do Graal haure as forças que lhe permitem trabalhar no campo da vida terrestre. Essa ligação é representada, na ópera, pelos pássaros paradisiacos Alkonost e Siren. Eles aparecem cada vez que Fevrônia é submetida a uma prova que produz em sua consciência uma experiência superior.

Representação da alma humana purificada

A Pequena e a Grande Kitesj foram fundadas para serem as cidadelas da fé cristã original. Seus habitantes puderam seguir, durante setenta e cinco anos, um caminho místico pessoal em proveito do crescimento de sua alma, a grande finalidade da vida humana. Na lenda de Kitesj, o príncipe dessa cidade é dotado de uma profunda consciência religiosa e mística que o faz viver por antecipação seus ideais em benefício de seu povo. Essa consciência mística une todos os habitantes e os leva diretamente a desenvolver uma nova alma, a qual esclarece para eles a verdadeira finalidade da vida.

A virgem Fevrônia vive solitária numa floresta vasta e selvagem ao longo do rio Volga, diante da Pequena Kitesj. Fevrônia é a representação da

alma natural pura que transmite sua sabedoria. Ela trabalha com ervas terapêuticas e compartilha seu conhecimento livremente com os homens e os animais. Ela compreende intuitivamente os processos que se desenvolvem nas plantas e no reino animal e prodigaliza aos seus semelhantes compreensão, compaixão, assistência e amor auxiliador. Os seres vivos da floresta confiam nela. Ela vive em harmonia com eles, e compreende, respeita e favorece os processos naturais que englobam todas essas criaturas.

Assim, Fevrônia terminou uma fase importante de seu desenvolvimento. Ela possui uma alma radiante, a luz da compreensão intuitiva e a mais elevada forma de amor que o homem pode alcançar. É a razão pela qual ela é provada e levada a fazer experiências que um eu muito ligado à natureza não poderia suportar.

Vivificação dos poderes superiores latentes

As provas de Fevrônia começam com um encontro com o príncipe Vsevolod. Este se extraviou durante uma caçada e vagueia pela floresta, ferido e cansado. É então que ele se apercebe de Fevrônia. Ela está cantando enquanto procura por plantas medicinais, e é acompanhada por pássaros, um urso e alguns cabritos. O príncipe fica espantado e cai sob o encanto desse quadro: uma criatura perfeita e plena de alma segundo as normas terrestres, nesta floresta selvagem!

Fevrônia olha para o príncipe com a maior calma e vê que ele sofre, vítima de seus conflitos interiores. Ela se pergunta como um homem tão nobre, um príncipe, pode querer caçar seus jovens irmãos, os animais, para matá-los. Fevrônia percebe que ele ainda não descobriu a luz que está nele. O príncipe é crente, e nada mais. Ele ain-

da necessita de ritos e de princípios morais para poder seguir seu caminho. Embora ele tenha uma grande fé, seu próprio núcleo espiritual ainda não despertou. É por isso que ele só age conforme os preceitos apresentados à sua inteligência. A compreensão intuitiva ainda lhe é desconhecida. Então, Fevrônia dirige-se a ele para descobrir se é possível vivificar seus poderes latentes.

Ela saúda Vsevolod com palavras simples que abrem seu coração. O príncipe pede-lhe pão, mel e água. Esses são os símbolos esotéricos do alimento espiritual.

Vida da força crística em cada alma humana

O príncipe pensa que Fevrônia, com toda a sua simplicidade, é bem superior a qualquer mulher, mesmo a mais culta, da Pequena Kitesj. Ela ocupa seu lugar na criação de forma totalmente harmoniosa e colabora com a natureza e suas criaturas por toda parte onde pode fazê-lo. É que Cristo está em cada alma humana, compadece-se e participa da vida de cada ser vivente. Fevrônia está em condições de doar ao príncipe sofredor, Vsevolod, a luz que iluminará sua consciência. Ele aceita seu auxílio com reconhecimento e aprende que não deve mais considerar os animais e outras criaturas como presas, mas que deve defendê-las e socorrê-las.

Assim que essa mudança interior acontece com o príncipe, Fevrônia pode aceitar seu pedido de casamento. Então, Vsevolod faz que sua noiva deixe o mundo que lhe é familiar e a leva para a vida desconhecida da cidade e de seus habitantes. Fevrônia observa os cidadãos da Pequena Kitesj com espanto e compaixão. A maneira pela qual essas pessoas passam seu tempo lhe é totalmente estranha.

Quando estes percebem a luz que

emana de Fevrônia, eles passam a chamá-la de A Virgem da Luz. Assim estimulada, ela se esforça para que entendam suas idéias sobre a vida e sobre a verdadeira finalidade da existência. Ela os encoraja a buscarem a si mesmos. Entretanto, apesar de sua humildade, sabedoria, discernimento, compaixão, bondade, verdade e tolerância, apesar de sua alegria, força e retidão, poucos se interessam por ela.

Os habitantes da Pequena Kitesj cultuam principalmente a vida material, por isso demoram a compreender. Fevrônia vê claramente os limites dessa vida superficial e percebe que os habitantes da cidade simplesmente ignoram seu amor e suas sábias palavras.

Aceitar a escravidão ou abjurar sua fé

Considerando que a mente e a conduta deles estão fechadas a qualquer tentativa de renovação, eles não conseguiriam escapar de uma transformação violenta. Os tártaros avançam para o Oeste e, na campanha devastadora que os faz atravessar a Rússia, do sul e do centro, aproximam-se da Pequena Kitesj. A Grande Kitesj deverá sucumbir em seguida. Os habitantes da Pequena Kitesj estão agora diante de uma escolha decisiva: render-se aos tártaros para tornar-se seus escravos e abjurar sua fé, ou permanecer fiéis a esta, morrendo em combate?

No decorrer dessa crise, muitos cidadãos da Pequena Kitesj percebem a voz interior que lhes diz para seguir sua intuição que os impulsiona a combater pela sua salvação e pela preservação da Grande Kitesj. Nesse meio tempo, o príncipe Vsevolod galopa com alguns cavaleiros para a Grande Kitesj a fim de buscar auxílio. Mas os tártaros surgem mais rápido do que o previsto. No terrível combate, que se desencadeia com violência, todos são mortos, menos Fevrônia e um bêbado.

Ninguém se mostrou disposto a ajudar os tártaros e a lhes indicar o caminho secreto para a Grande Kitesj.

Entretanto, o bêbado, obscurecido por sua vida de prazeres, ligado à vida material e não sabendo mais o significado da alma e dos valores superiores, logo que cai nas mãos dos tártaros se prepara para guiá-los para a Grande Kitesj, a fim de salvar sua vida.

A bela Fevrônia faz parte dos despojos de guerra que cabem ao Khan, príncipe dos tártaros, e torna-se sua escrava. Cativa, assim como o bêbado, ela roga a seu companheiro que não se comporte como Judas, traíndo o segredo do caminho para a Grande Kitesj. Ela se recolhe e ora pela salvação dos habitantes da Grande Kitesj; como eles se deixam guiar em sua vida cotidiana pela força da verdadeira fé, somente isso pode salvá-los.

O príncipe enfrenta pacificamente os tártaros

Os poderes e forças terrestres – simbolizados pelos tártaros – procuram ganhar Fevrônia para sua causa, mas ela permanece inatacável e invencível. Ela não teme a violência e só tem piedade de Khan, que está sedento por mortes e se afoga no álcool.

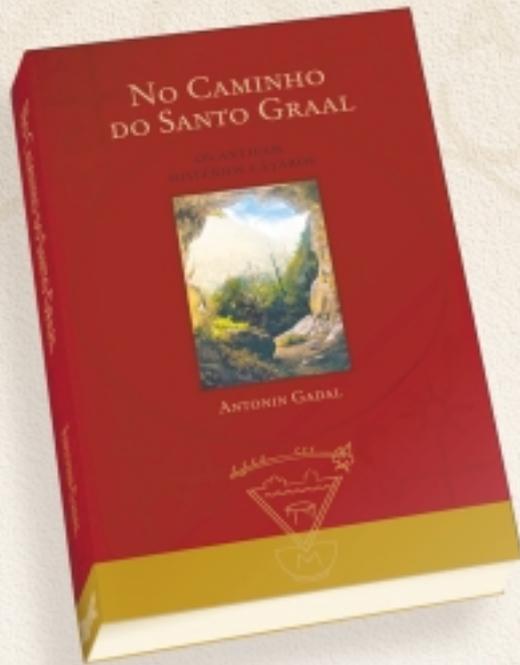
Então, segue-se uma série de acontecimentos dramáticos. O príncipe Vsevolod, com um pequeno grupo de cavaleiros, marcha contra os tártaros. Ele se arma com o elmo da esperança, o escudo da fé e a espada do Espírito. Esses atributos mostram claramente que ele está em busca do Graal, e que luta contra tudo o que deseja retê-lo. Ele tornou-se um puro cavaleiro do Graal, pois a lenda relata que ele vai ao encontro dos tártaros com um espírito de ausência de luta.

Esses aspectos da lenda de Kitesj – e que se encontram em muitos outros contos do Graal – mostram que se trata aqui de processos interiores de pu-

rificação espiritual a que todo ser humano é convidado.

O príncipe Vsevolod e seus cavaleiros penetram as fileiras dos tártaros e aí encontram a morte. Os habitantes da Grande Kitesj e seu rei Yuri suplicam à Mãe celeste para envolvê-los com forças puras e protegê-los. E o milagre acontece: a cidade é envolvida por uma nuvem de fogo. Os pastores que assistem a esse prodígio põem-se a cantar: *Kitesj tornou-se a cabeça e o coração do mundo*. A cidade desaparece no mar de cristal, Swetli Jar, elevando-se ao céu. Na beira do mar, o exército tártaro é tomado de indescritível terror e foge para os bosques ao redor.

Fevrônia vê que a Grande Kitesj se eleva para uma dimensão superior. Os dois pássaros dos mistérios, agora visíveis, convidam-na a lançar-se na luz junto com a cidade. Assim, ela alcançou sua finalidade: não existe mais morte para ela. Revestida de luz, ela é acolhida pelos cavaleiros do Graal; depois, vai ao encontro de Vsevolod que, após sua morte no campo de batalha, é ressuscitado e, como cavaleiro do Graal, é agora guiado para a Grande Meta. Finalmente, Vsevolod e Fevrônia tornam-se rei e rainha do Graal da Grande Kitesj.



NO CAMINHO DO SANTO GRAAL

A. Gadal

Ninguém melhor do que Gadal, último patriarca cátaro, para nos guiar pelo mundo dos mistérios cátaros. Com firmeza, ele privilegia o sutil e dá voz ao inefável.

A história é, na realidade, um rito de iniciação cátara. Em ondas suaves, ela ilumina cada página e nos invade com o silêncio mágico das grutas do Ariège.

Nesse silêncio interior, ela pulsa verdades que somente o coração pode sondar, deixando-nos a um passo do Caminho do Santo Graal.

Se desejar trilhá-lo, dê o primeiro passo.



160 pgs.

ISBN: 85-88950-18-9

R\$ **20,00**